

Khananda Beatriz de Lima Mariano RA - 30297

**A CIDADE DORMITÓRIO QUE
ACORDOU SOB ESCOMBROS**

CENTRO UNIVERSITÁRIO
CAMPO LIMPO PAULISTA 2º. SEM. 2023

Khananda Beatriz de Lima Mariano RA - 30297

A CIDADE DORMITÓRIO QUE ACORDOU SOB ESCOMBROS

Relatório de fundamentação do projeto experimental, modalidade livro-reportagem, apresentado como exigência final para a obtenção do título de bacharel em Jornalismo, sob orientação específica do **professor especialista** Felipe dos Santos Schadt e com **orientação metodológica** da professora mestra Ane Katerine Medina Néri.

CENTRO UNIVERSITÁRIO CAMPO LIMPO PAULISTA

2º. SEM. 2023

Khananda Beatriz de Lima Mariano RA - 30297

A CIDADE DORMITÓRIO QUE ACORDOU SOB ESCOMBROS

Campo Limpo Paulista, 28 de novembro de 2023

Prof. Rafael Mattoso Galdino (Unifaccamp)

Prof. Ms.Felipe dos Santos Schadt (Unifaccamp - orientador específico)

Prof^a Sra. Ane Katerine Medina Néri (Unifaccamp - orientadora metodológica)

DEDICATÓRIA

Trabalho dedicado às memórias dos que partiram, devido ao deslizamento de terra que aconteceu na Rua São Carlos em 2022, no bairro Parque Paulista, em Franco da Rocha, SP e à resiliência dos franco-rochenses que, apesar das adversidades causadas pelas enchentes, permanecem firmes e inspiram a busca por um amanhã mais seguro e promissor.

AGRADECIMENTOS

Início meus agradecimentos reconhecendo a importância de cada indivíduo que contribuiu para tornar este momento possível. Reconheço que esta conquista é o resultado de uma jornada que foi moldada e enriquecida por muitas pessoas generosas.

Primeiramente, quero expressar minha eterna gratidão aos meus queridos pais, Rosiane Rosa Corrêa de Lima e Tito Mariano, que foram verdadeiros pilares em minha vida. Seu apoio, amor incondicional e sacrifícios são a base sólida sobre a qual construí meu caminho.

Àqueles que moldaram minha jornada educacional desde os primeiros passos, meus professores do ensino fundamental e médio, dedico um agradecimento especial. Cada um desempenhou um papel importante no meu crescimento intelectual e pessoal, e suas lições continuam a guiar meu caminho.

Aos professores da faculdade, quero expressar minha sincera gratidão. Em particular, ao meu orientador específico, professor Felipe dos Santos Schadt, e à Professora de Orientação Metodológica, Ane Katerine Medina Néri, que são pessoas importantes na área da sabedoria e orientação durante minha jornada acadêmica. Suas contribuições moldaram meu trabalho e meu pensamento.

A todos os outros professores, mentores e colegas de estudo que cruzaram meu caminho, quero estender meu agradecimento. Cada conversa, cada desafio e cada lição compartilhada contribuíram para minha formação.

Por último, quero agradecer aos moradores de Franco da Rocha e profissionais que dedicaram uma parte de seu tempo para as entrevistas.

ÍNDICE

CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	9
CAPÍTULO 1 – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	10
1.1 O LIVRO- REPORTAGEM COMO FORMATO DE TCC.....	10
1.1.2 JORNALISMO LITERÁRIO COMO LINGUAGEM.....	13
1.1.3 A CIDADE DE FRANCO DA ROCHA E O SEU DESENVOLVIMENTO.....	16
1.2 A GEOGRAFIA DA CIDADE.....	17
1.2.1 O HISTÓRICO COM AS ENCHENTES.....	17
1.2.2 OCUPAÇÕES IRREGULARES.....	19
1.2.3 A TRAGÉDIA DA RUA SÃO CARLOS.....	21
CAPÍTULO 2 – ESQUEMA DE INVESTIGAÇÃO.....	25
2.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	25
2.2 FONTES CONSULTADAS.....	28
2.3 FONTES ESPECIALISTAS.....	29
2.4 FONTES PERSONAGENS.....	30
2.5 FONTES OFICIAIS.....	32
CAPÍTULO 3 – DESCRIÇÃO DO PRODUTO.....	33
3.1 CARACTERÍSTICAS BÁSICAS.....	32
3.2 DIAGRAMAÇÃO/EDIÇÃO.....	38
3.3 LINGUAGEM EMPREGADA.....	39
3.4 PÚBLICO ALVO.....	39
3.5 DIVULGAÇÃO.....	40
3.6 ORÇAMENTO.....	40
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	42
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	44
APÊNDICE A – ROTEIROS DE ENTREVISTAS.....	48
APÊNDICE B – MODELO DO TERMO DE RESPONSABILIDADE.....	55
APÊNDICE C – CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS.....	56

“Se você não está dentro da Sociedade Alternativa, a Sociedade Alternativa sempre esteve dentro de você.”

(Raul Seixas)

RESUMO

“A Cidade Dormitório que Acordou Sob Escombros” é um livro-reportagem que explora o deslizamento de terra ocorrido em Franco da Rocha, São Paulo, em 30 de janeiro de 2022. Seu propósito principal é apresentar fatos sobre os eventos e as circunstâncias que culminaram nessa tragédia, que resultou na perda de 18 vidas e afetou profundamente a comunidade, deixando 12 casas atingidas. Este trabalho não só investiga as causas subjacentes ao deslizamento de terra, mas também analisa os impactos sociais, ambientais e econômicos na região meio de uma abordagem clara e objetiva, busca-se oferecer informações relevantes para uma compreensão completa do evento, com objetivo de contribuir para a prevenção de futuros desastres similares e para a promoção da conscientização sobre a segurança em áreas de risco.

Palavras-Chave: deslizamento de terra, tragédia, impacto social, prevenção, segurança.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Este trabalho documenta, por meio de uma abordagem jornalística, os acontecimentos e circunstâncias que envolvem o deslizamento de terra que aconteceu na manhã do dia 30 de janeiro de 2022 na Rua São Carlos, no Parque Paulista, em Franco da Rocha, SP. Este incidente, que ocorreu sob chuvas intensas, resultou em perdas de 18 vidas e perdas de materiais significativos, desabrigando 70 famílias, causando impactos profundos na comunidade local.

Neste sentido, busca-se contribuir para a prevenção de futuros incidentes semelhantes, promovendo a conscientização sobre a importância da segurança em áreas de risco e da necessidade de planejamento urbano adequado. A tragédia na Rua São Carlos não é um evento isolado, e exemplos de deslizamentos de terra e enchentes trágicas podem ser observados em várias partes do mundo.

No primeiro capítulo, a formanda aborda fundamentação teórica do livro, destacando a natureza do livro-reportagem como uma forma literária de jornalismo. O Jornalismo Literário se destaca por cativar o leitor usando uma abordagem mais artística e figurativa da linguagem, permitindo que o leitor visualize os acontecimentos. Embora o estilo literário não seja o foco principal deste trabalho, muitos dos recursos característicos desse gênero influenciam a composição deste livro-reportagem.

No segundo capítulo, a pesquisadora aborda a construção do livro-reportagem, justificando a escolha do tema e o período de pesquisa. O livro tem como base métodos de busca e coleta de informações que reúnem a base teórica necessária para contextualizar a tragédia. Discuto os métodos de coleta de dados, informações e depoimentos das vítimas, abordando as fontes consultadas. As fontes incluem especialistas em deslizamentos de terra, geografia e pessoas afetadas pelo desastre, oferecendo uma perspectiva abrangente do ocorrido na Rua São Carlos.

Portanto, esta pesquisa incorpora fontes oficiais, como relatórios governamentais e documentos técnicos, bem como fontes não oficiais, como testemunhos diretos das vítimas e informações de fontes comunitárias. Isso permite uma exploração completa da tragédia e de suas implicações sociais, ambientais e econômicas, fornecendo aos leitores uma visão completa dos eventos e incentivando a reflexão sobre a importância da prevenção de desastres naturais e do

planejamento urbano responsável em áreas suscetíveis a riscos.

CAPÍTULO 1 – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Neste capítulo, são apresentados os conceitos essenciais relacionados ao deslizamento de terra ocorrido na encosta da Rua São Carlos, em Franco da Rocha (SP), em 30 de janeiro de 2022. A pesquisa visa fornecer uma compreensão dos fatos que contribuíram para o deslizamento, bem como suas implicações sociais, ambientais e econômicas na comunidade afetada.

São analisadas as causas do deslizamento de terra, explorando os elementos que causam o evento. Além disso, são abordados os impactos significativos que esse desastre tem na vida de muitos indivíduos, incluindo a perda de 18 vidas e danos a 12 residências com 70 famílias.

1.1 O LIVRO- REPORTAGEM COMO FORMATO DE TCC

O formato escolhido é o de livro-reportagem-história. Embora esse tipo de livro-reportagem compartilhe semelhanças com o retrato, ele tem a característica fundamental de abordar eventos passados e contextualizá-los em relação ao presente ou ao contexto atual.

Conforme explica Edvaldo Lima (2004, p. 10), autor de *Páginas Ampliadas*:

Não focaliza em uma figura humana, mas uma região geográfica, um setor da sociedade, um segmento da atividade econômica, procurando traçar o retrato do objeto em questão.

Um exemplo de livro-reportagem-retrato, é o "Rota 66", um livro-reportagem escrito pelo renomado jornalista, Caco Barcellos, lançado em 1992. A obra retrata o cotidiano dos policiais da Rota 66, uma divisão de elite da Polícia Militar de São Paulo, que atua no combate ao crime organizado e na repressão ao tráfico de drogas.

Seguindo o pensamento de (Lima, 2004, p.53), o livro se enquadra em retrato, pois através de uma abordagem detalhada, Barcellos se aproxima das vivências dos policiais,

revelando suas motivações, angústias e dilemas morais. O autor acompanha as ações da Rota 66 e explora os conflitos éticos enfrentados pelos agentes, que muitas vezes precisam lidar com situações extremas, envolvendo confrontos armados, violência e corrupção.

Além disso, o livro é estruturado da seguinte maneira:

1. Introdução: Onde é estabelecido o contexto e é apresentada a temática central do livro.
2. Capítulos: dividido em capítulos temáticos, abordando diferentes aspectos da atuação policial e os casos investigados pela Rota 66.
3. Conclusão: Um capítulo final que recapitula as principais descobertas e reflexões apresentadas ao longo do livro.
4. Anexos e/ou Apêndices: inclusão de notas adicionais, entrevistas completas, fontes de pesquisa, entre outros elementos complementares.
5. Introdução: Onde é estabelecido o contexto e é apresentada a temática central do livro.
6. Capítulos: dividido em capítulos temáticos, abordando diferentes aspectos da atuação policial e os casos investigados pela Rota 66.
7. Conclusão: Um capítulo final que recapitula as principais descobertas e reflexões apresentadas ao longo do livro.
8. Anexos e/ou Apêndices: inclusão de notas adicionais, entrevistas completas, fontes de pesquisa, entre outros elementos complementares.

Mas, apesar do livro desenvolvido para o TCC possuir informações como essas citadas pelo autor e serem parecidas com o exemplo descrito, o trabalho retrata setores da sociedade, mas focado em um único evento em questão, que é o acidente da Rua São Carlos, um evento passado, logo, para contar este fato, o modelo apropriado é um livro-reportagem-história.

O tema, porém, tem em geral algum elemento que o conecta com o presente, dessa forma possibilitando um elo comum com o leitor atual. Esse elemento pode surgir de uma atualização artificial de um fato passado ou por motivos os mais variados. (Lima, 2004, p. 54).

Um exemplo de livro-reportagem-história é "Holocausto Brasileiro: Vida, Genocídio e 60 Mil Mortes no Maior Hospício do Brasil", escrito por Daniela Arbex. O livro relata os horrores vividos pelos pacientes do Hospital Psiquiátrico Colônia, em Barbacena, Minas Gerais, ao longo

de décadas, abordando questões como negligência, violência, tortura e mortes ocorridas no local. Arbex também investiga a história do Juquery em Franco da Rocha, desde sua fundação no século XIX até seu fechamento nos anos 1990, lançando luz sobre um capítulo sombrio da saúde mental no Brasil. E o livro também possui a seguinte estrutura:

1. Introdução: Apresentação do contexto histórico e introdução ao tema do livro.
2. Capítulos temáticos, como: Origens do Hospital Colônia de Barbacena; A Rotina no Hospício; O Genocídio Silencioso, entre outros;
3. Epílogo: uma seção que oferece reflexões finais sobre os temas abordados no livro, destacando as consequências e o impacto do Holocausto Brasileiro.
4. Anexos: inclui documentos, registros, fotos, artigos ou outros materiais que corroboram as informações apresentadas no livro.
5. Notas de Rodapé: contém notas explicativas ou referências adicionais para aprofundar determinados pontos discutidos nos capítulos.
6. Bibliografia: uma lista de fontes, livros, artigos acadêmicos e entrevistas que foram utilizadas como referência para a pesquisa do livro.
7. Agradecimentos: seção em que a autora agradece as pessoas e instituições que contribuíram para a realização do livro.
8. Sobre o Autor: biografia da autora, destacando suas credenciais e outras obras publicadas.
- 9.

Um livro-reportagem-história busca apresentar uma narrativa fundamentada de um evento passado, mas claro, utilizando elementos jornalísticos, como fontes primárias, documentos históricos, registros, entrevistas com testemunhas ou participantes, e fontes secundárias, como livros e artigos acadêmicos, para construir uma história coesa e precisa.

Mas o que leva um livro-reportagem a ser um produto jornalístico é que ele desempenha uma função essencialmente relacionada ao jornalismo, utilizando técnicas da área. Quase sempre, quem escreve esses livros são profissionais, um jornalista, um comunicador social formado com base na prática da profissão (Lima, 2004, p. 10).

Esse tipo de livro-reportagem não apenas narra os fatos históricos, mas também oferece contexto, análise e interpretação dos eventos, buscando compreender as motivações, os impactos e as implicações mais amplas do que ocorreu no passado.

O livro-reportagem estende a função informativa e orientativa do jornalismo impresso cotidiano uma vez que cobre vazios deixados pela imprensa, e amplia, para o leitor, a compreensão da realidade (Lima, 2004, p.61)

1.1.2 JORNALISMO LITERÁRIO COMO LINGUAGEM

Além de simplesmente apresentar os fatos em um livro, o Jornalismo Literário se destaca com o intuito de cativar o leitor utilizando uma abordagem mais artística e figurativa da linguagem, fazendo o leitor imaginar o que está acontecendo. Embora a predominância desse estilo de escrita não seja o foco principal desta pesquisa, vale ressaltar que muitos dos recursos característicos desse gênero influenciaram e inspiraram a composição deste livro-reportagem em questão. Mesmo que a literatura traga uma espécie de ficção para a história, não significa que as bases do jornalismo não serão utilizadas no produto.

O jornalista literário não ignora o que aprendeu no jornalismo diário. Nem joga suas técnicas narrativas no lixo. O que ele faz é desenvolvê-las de tal maneira que acaba constituindo novas estratégias profissionais. Mas os velhos e bons princípios da redação continuam extremamente importantes, como, por exemplo, a apuração rigorosa, a observação atenta, a abordagem ética e a capacidade de se expressar claramente, entre outras coisas. (Pena, 2006, p. 6)

Um exemplo de Jornalismo Literário utilizado na televisão brasileira, por exemplo, foi a catástrofe de Brumadinho, em Minas Gerais, abordada pelo "Fantástico" em 2019, revista eletrônica da Rede Globo de televisão que reúne jornalismo e entretenimento. A tragédia resultou em um grande número de vítimas e teve um impacto significativo na região.

Na cobertura do evento, o "Fantástico" adotou uma abordagem jornalística que inclui descrições detalhadas do local, das operações de resgate, das histórias das vítimas e de suas famílias, além de explorar as causas do desastre. A narrativa foi elaborada de forma a transmitir a dimensão da tragédia, utilizando também o relato das pessoas para que deixasse a reportagem mais humana e não somente técnica.

A reportagem utilizou elementos literários para criar uma conexão emocional com o público, destacando as histórias pessoais das pessoas afetadas e as consequências devastadoras do desastre. O uso de imagens impactantes, depoimentos comoventes e uma narração cuidadosamente elaborada contribuíram para que a cobertura fosse mais do que uma mera apresentação de fatos, mas uma narrativa envolvente que buscava transmitir a profundidade da

tragédia.

Outro exemplo de jornalismo literário, mas agora sendo utilizado em livro é em "Estação Carandiru" de Drauzio Varella, considerado um exemplo devido à forma em como o autor combina a narrativa literária com suas experiências como médico voluntário na Casa de Detenção de São Paulo, mais conhecida como Carandiru. O livro vai além da mera exposição de fatos e de dados; ele cria uma imersão emocional na realidade da prisão e de seus habitantes.

Varella utiliza uma linguagem envolvente e descritiva que permite aos leitores visualizarem vividamente o ambiente do presídio, as condições de vida dos detentos e os desafios enfrentados por eles. Ele não apenas relata eventos e situações, mas também explora profundamente as histórias pessoais dos presos, suas motivações, lutas e desesperanças.

O velho Jeremias, de carapinha branca, sobrevivente de quinze rebeliões e pai de dezoito filhos com a mesma mulher, não considera a valentia o ponto forte dos agressores: - Tantos anos na cadeia, doutor, e nunca vi ninguém matar alguém sozinho. Chega a juntar vinte, trinta, para meter 19 a bicuda naquele que vai morrer. Pode ser forte que for, não tem defesa. A cadeia perversa a mente do sentenciado num tanto tal, que o cara está levando os golpes e muitos que não têm nada a ver com a fita pegam carona na desgraça do alheio e soltam a faca também, só de maldade. Isso aqui é a maior covardia. (Varella, 1999, p. 19)

Esta é uma passagem notável que também exemplifica o jornalismo literário deste livro, que é quando Varella descreve suas conversas com os detentos. Ele narra as histórias de vida de alguns presos de maneira íntima, destacando suas individualidades. Ao fazer isso, ele permite que os leitores se conectem emocionalmente com esses homens que, muitas vezes, são marginalizados pela sociedade.

O uso da escrita literária também evidencia a maneira de retratar as emoções e os dilemas morais combinando a apuração jornalística rigorosa com elementos literários, criando uma narrativa que não apenas informa, mas também cativa e emociona os leitores ao explorar a complexidade da vida na prisão e os aspectos humanos de seus habitantes.

Segundo PENA (2006), os conceitos de jornalismo literário são abrangentes, ou como ele mesmo chamou, é um “Conceito: estrela de sete pontas”, que são utilizadas também na obra “A cidade dormitório que acordou sob escombros”, de acordo com o autor este tipo de jornalismo possui:

1. **Potencialidade dos recursos do jornalismo:** como dito acima, o jornalista não

ignora as técnicas narrativas de um jornal. Ele apenas desenvolve uma nova ferramenta profissional de linguagem, mas a ética e observação atenta está ali;

2. **Ultrapassar os limites do acontecimento cotidiano:** isso significa que o jornalismo literário se distancia das restrições de tempo impostas pelo jornalismo tradicional. Os jornalistas literários não se sentem pressionados pelo prazo de fechamento e não estão preocupados em serem os primeiros a relatar eventos recentes. Em vez disso, concentram-se em explorar histórias mais profundas, diferentemente de um jornal do cotidiano;
3. **Ultrapassar estes limites e proporcionar uma visão ampla da realidade:** este tipo de linguagem não se concentra apenas nos acontecimentos recentes e imediatos, mas busca entender o contexto mais amplo por trás das histórias que estão relatando. Um exemplo disso na obra que está sendo desenvolvida é o contexto histórico de Franco da Rocha, como as casas foram se instalando nos locais, a própria geografia local;
4. **Exercitar a cidadania:** é responsabilidade do jornalismo literário promover a reflexão cidadã e a conscientização sobre questões de interesse público. Aguçar a reflexão do leitor sobre a responsabilidade na prevenção de tragédias semelhantes e no apoio às vítimas, é um exemplo de exercício da cidadania.
5. **Romper com as correntes do lide:** claro, um lide em uma reportagem é importante, com ele sabemos sobre o que estamos discutindo, quando aconteceu o tema, como, onde e o por quê. Mas o jornalismo literário pode ser uma abordagem eficaz para trazer de volta a criatividade e o estilo à escrita jornalística, sem comprometer a precisão e a objetividade necessária em uma reportagem;
6. **Evitar os definidores primários:** é essencial buscar alternativas, como ouvir cidadãos comuns, fontes anônimas e explorar pontos de vista menos explorados, a fim de enriquecer a história e oferecer uma perspectiva mais diversificada dos acontecimentos.
7. **Perenidade:** uma obra de jornalismo literário deve ser duradoura, em oposição às reportagens diárias efêmeras. Ela busca criar uma narrativa dure ao longo do tempo, influenciando gerações futuras e eternizando o trabalho do escritor.

1.1.3 A CIDADE DE FRANCO DA ROCHA E O SEU DESENVOLVIMENTO

Município da região metropolitana de São Paulo, a cidade, que cresceu e se desenvolveu em torno do desativado Complexo Hospitalar do Juquery, hoje, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2021), possui um território de 132,775 km² com mais de 158 mil habitantes.

O Complexo Hospitalar do Juquery foi fundado em 1898 como um hospital psiquiátrico para atender pacientes com transtornos mentais e é um importante marco na história da cidade. Com o tempo, o complexo se expandiu e contribuiu para o desenvolvimento da cidade, pois gerou empregos e movimentou a economia local. (Reis , 2011, p. 15)

O hospital atraiu profissionais de diversas áreas, como médicos, enfermeiros e técnicos, que passaram a morar na região junto às suas famílias, contribuindo para o crescimento da cidade. O crescimento urbano também se dá pelo fácil acesso à cidade, devido ao sistema rodoviário que trazia pacientes e outros cidadãos para a cidade.

A cidade de Franco da Rocha tem como gênese o binômio de povoado-estação e vocação de saúde; a dicotomia entre o Asilo de Alienados do Juquery versus o trem formou uma condicional única para seu crescimento urbano. Podemos identificar na região da Serra da Cantareira outros locais que se desenvolveram, com a vocação de tratamentos de saúde [...] (Pizzolato, 2008, p. 41)

Nos últimos anos, o complexo hospitalar passou por reformas e melhorias, visando melhorar a qualidade do atendimento e modernizar as instalações. Além disso, a região onde o hospital estava localizado também passou por um processo de urbanização e desenvolvimento, com a construção de novas moradias, comércios e serviços. Desativado em 2021, hoje o espaço é destinado a outros atendimentos hospitalares, educação, cultura, entre outros.

O crescimento acelerado da população trouxe novos desafios para Franco da Rocha. Como muitas cidades da região metropolitana, o município enfrentou um rápido crescimento urbano nessas décadas, o que resultou em problemas de infraestrutura e acomodação da população em expansão.

Assim, a falência/desconstrução do principal símbolo de orgulho da cidade – o Hospital Psiquiátrico do Juqueri, aliado ao aumento populacional trouxeram uma nova realidade, para a cidade de Franco da Rocha. O município, assim como muitos outros situados em regiões metropolitanas, passou por um crescimento urbano acelerado naquelas décadas, enfrentando problemas de infraestrutura e acomodação de sua nova população. (Reis, 2011, p. 49)

1.2 A GEOGRAFIA DA CIDADE

A região de Franco da Rocha é marcada por colinas e serras, como a Serra da Cantareira e a Serra do Juqueri, que formam um conjunto de relevos que se estendem por boa parte da região metropolitana de São Paulo. (História; s,d)

Grande parte dos moradores habita em áreas de risco, suscetíveis a deslizamentos de terra e alagamentos. Segundo a Prefeitura de Franco da Rocha, hoje, quase todos os bairros possuem áreas de risco, e no Plano Municipal de Redução de Riscos (PMRR) do município, entre 62 localidades, seis são consideradas as mais graves. Os bairros Chácara São Luiz, Companhia Fazenda Belém, Estância Lago Azul, Jardim Progresso, Parque Pretória e Parque Vitória são os que apresentam maior gravidade. Dentre as 62 localidades estudadas em Franco da Rocha, foram identificados 229 setores de risco, nos quais estavam assentadas 1.177 moradias ou edificações com outro uso (Ministério, 2021). As ocupações realizadas de maneira rápida são fatores que influenciam em acidentes como deslizamentos, e esse problema persiste há anos.

Francisco da Rocha, cidade-dormitório a 35 quilômetros de São Paulo, abriga, segundo o IBGE, 75 mil habitantes, assentados em sua maior parte na várzea do Rio Juqueri, que todo ano insiste em sair do seu leito. Nesse local, a cidade já cresceu o que podia, e, junto às encostas dos morros, cresce à revelia dos limites técnicos de segurança. Essa parte dos íngremes de loteamentos irregulares e, a exemplo do que aconteceu este ano no Rio, em Petrópolis pode ser carregada por uma chuva mais forte. (Silva, 1965)

Além da matéria de O Estado de São Paulo, outras publicações apontam que, devido à geografia da cidade, muitos outros problemas acontecem no município.

1.2.1 O HISTÓRICO COM AS ENCHENTES

Iná Rosa (2008), arquiteta da Secretaria Municipal da Cultura de São Paulo e professora de arquitetura na Universidade Paulista, aponta que existem três tipos de vazios urbanos na cidade de Franco da Rocha, os rios, vales e morros.

Áreas passíveis de intervenção, que podem desempenhar importante papel nas mudanças da organização, desenho e qualificação da cidade, em suas diferentes escalas. (Rosa, 2008, p.5)

- Morros: Franco da Rocha apresenta áreas não ocupadas em virtude de sua morfologia, que possui relevo acidentado, vales estreitos e rios e córregos que dificultam a urbanização e a habitação humana;

- Vales estreitos: aliado ao fato de estar situado em uma região de bioma Cerrado (serra da Cantareira), faz com que esses elementos sejam importantes para a preservação da natureza e da água na região. Mas esse relevo da região também não se mostra favorável a moradias, devido aos vales estreitos. Essas características influenciam diretamente a ocupação urbana e o planejamento da cidade, que precisa ser feito levando em consideração a preservação da natureza e a segurança dos moradores em áreas de risco;
- Rios: existem áreas vazias às margens do rio Juquery, incluindo o trecho ferroviário da cidade e os equipamentos públicos inadequadamente construídos às suas margens. O centro da cidade também é ocupado e suscetível a enchentes, devido à falta de áreas vazias e permeáveis. Mas, ao longo dos anos, as enchentes foram reduzidas graças às obras de desvio do ribeirão Euzébio que fica em torno da cidade, junto ao Rio Juqueri.

Os deslizamentos de terra em Franco da Rocha ocorrem principalmente em áreas de encosta e morros, devido à combinação de fatores como a topografia acidentada, a intensidade das chuvas, o desmatamento e a ocupação desordenada do solo. A retirada da cobertura vegetal natural das encostas pode comprometer e aumentar também a vulnerabilidade da região a deslizamentos de terra.

Em 1987, Franco da Rocha passou por uma das piores enchentes de sua história, resultando em inúmeras perdas materiais e deixando milhares de pessoas desabrigadas. A chuva, que durou vários dias, fez com que o Rio Juquery transbordava, inundando ruas, casas e estabelecimentos comerciais.

Como informa O Estado de São Paulo, em 1987:

A cidade de Franco da Rocha continua desabrigada. Não somente as 3500 vítimas que estão nas ruas as autoridades locais continuavam até tarde de ontem esperando do governo do estado um prédio onde centralizar os seus trabalhos, atender os doentes e distribuir comida, roupas e remédios. Os mortos ainda estão no necrotério municipal e suas famílias esperam a chegada de caixões para enterrá-los. Há 2 metros de lama nas ruas onde as águas baixaram, mas a perda dos moradores e comerciantes é total [...]

O dia 25 de janeiro de 1987 foi a data da pior enchente, até então, pela qual a cidade já passou, uma chuva brutal. A cidade ficou isolada. Havia lugares que só poderiam ser acessados

por helicóptero e a cidade ficou 8 dias alagada (Guerreiro, 1987). Em 11 de janeiro de 2011, uma enchente alagou quase toda a área central do município, causada pelo aumento da vazão da Represa Paulo de Paiva Castro, que normalmente é de 1 m³/s e chegou a 80 m³/s. Moradores ficaram isolados, prédios públicos, residências e estabelecimentos comerciais foram tomados pela água, que somente dois dias depois começou a baixar. Não houve informações sobre mortos. Duas das três entradas para a cidade de Mairiporã e Caieiras ficaram inacessíveis. (Manso; et al, 2011)

Em 11 de março de 2016, depois de uma forte chuva sobre a Região Metropolitana de São Paulo, o centro de Franco da Rocha ficou alagado novamente. A maior parte da água veio da Represa Paiva Castro, que estava com pouco mais de 30% da capacidade no dia 10 de março e foi para 100% às 2h da manhã. Às 6h da manhã, as comportas da represa foram abertas para evitar seu rompimento. A circulação dos trens foi interrompida entre Perus e Jundiaí às 23h40. Dias depois, a operação foi retomada parcialmente (Ferraz; et al, 2016).

Desde a noite de 28 de janeiro de 2022, fortes chuvas atingiram a Região Metropolitana de São Paulo durante cinco dias, causando dezenas de mortes. Segundo números oficiais divulgados em 4 de fevereiro, dezoito mortos foram contabilizados em Franco da Rocha. Vários pontos da cidade alagaram, principalmente o centro e áreas próximas, com o desabamento de várias casas, devido a deslizamentos de terra. O tráfego de trens foi interrompido devido ao alagamento dos trilhos entre Francisco Morato e Perus. O tráfego de veículos entre o município e Jundiaí também foi prejudicado devido aos deslizamentos de terra e queda de árvores na SP-332, principal rodovia que liga as cidades. Desde então, a atual enchente foi considerada a pior pelo número de desastres em 154 anos.

O Corpo de Bombeiros localizou na noite desta sexta-feira (4) o corpo da última vítima que estava desaparecida em Franco da Rocha, na Grande São Paulo, após os deslizamentos e desabamentos provocados pelas fortes chuvas do último domingo (30). Com isso, subiu para 18 o total de mortos na cidade e para 34, no estado (Bombeiros, 2022)

1.2.2 OCUPAÇÕES IRREGULARES

A presença de ocupações irregulares em áreas de risco em Franco da Rocha representa uma preocupação significativa, não apenas em termos de segurança para as comunidades afetadas, mas também em relação ao planejamento urbano adequado e à gestão de desastres naturais.

Nesse contexto, a delimitação na cidade é de 229 setores com um total de 1.177 moradias ou edificações em situações de risco variadas (Risco 2, Risco 3 e Risco 4) é um indicativo alarmante da vulnerabilidade dessas áreas. O alto número de moradias ocupadas em situação de risco, particularmente aquelas classificadas como R3 e R4, sublinha a urgência de intervenções eficazes para reduzir tais riscos e garantir a segurança das famílias que ali residem. (PMRR, 2021)

É positivo observar que foram sugeridas tipologias de intervenção para redução de risco em cada setor identificado. No entanto, a implementação dessas intervenções pode ser um desafio significativo, tanto em termos de recursos financeiros quanto de coordenação eficaz. Além disso, a alocação de recursos para a mitigação de riscos em 62 localidades diferentes requer um planejamento cuidadoso e uma priorização das áreas mais críticas.

A mitigação dos riscos identificados não se trata apenas de intervenções físicas, mas também envolve a conscientização das comunidades afetadas e o fortalecimento das políticas públicas de habitação e planejamento urbano. É crucial que essas intervenções sejam acompanhadas de medidas de apoio social e assistência técnica para as famílias afetadas.

A caracterização da região central do município como a mais urbanizada e menos afetada por ocupações irregulares reflete o padrão de crescimento da cidade, que se estendeu das planícies aluviais em direção às encostas e, em alguns casos, até os topos dos morros. Esse padrão de expansão urbana é uma característica comum em muitas cidades brasileiras, resultando em áreas de risco significativas nas encostas e topos dos morros.

A informação de que os morrotes altos representam aproximadamente 62% da área total do município destaca a predominância dessa topografia acidentada em Franco da Rocha. Essas áreas de morrotes altos, especialmente nas extremidades do município, são particularmente suscetíveis a deslizamentos de terra devido às maiores amplitudes do terreno. Esse fato reforça a importância da gestão de riscos e do planejamento urbano sustentável para mitigar esses perigos.

O dado sobre a quantidade de ocorrências de deslizamentos de terra atendidas pela Defesa Civil, totalizando cerca de 502 chamados entre 2002 e 2016, é alarmante e destaca a urgência de medidas eficazes para lidar com essa ameaça contínua. A concentração dessas ocorrências na porção central do município ressalta a necessidade de monitoramento e intervenções específicas nessa área.

O Plano Municipal de Redução de Riscos (PMRR) mencionado como o último plano

atualizado de Franco da Rocha representa um esforço para abordar essas questões complexas. No entanto, a informação de que um novo plano está para ser lançado este ano mostra que a cidade está empenhada em aprimorar sua abordagem e proteger melhor suas comunidades.

1.2.3 A TRAGÉDIA DA RUA SÃO CARLOS

No fatídico domingo, dia 30 de janeiro de 2022, Franco da Rocha testemunhou uma tragédia que abalou a cidade e comoveu comunidades inteiras. Um deslizamento de terra atingiu a Rua São Carlos, no bairro Parque Paulista, resultando na perda trágica de 18 vidas. Entre as vítimas, três permanecem não identificadas, enquanto famílias inteiras enfrentaram e ainda enfrentam uma dor inimaginável, com as perdas de Cléber Bonfim (37), Anderson da Costa (26), Vinicius (13), Amanda Sales (25), Diego dos Santos (28), Lucas dos Santos (16), Letícia dos Santos Sampaio (16), José Bonfim Filho (82), José Aflton Vitor Silva (30), Adriana da Silva Santos (33), Oziel Vitor (25), Caio Rodrigues (36), Vitor Rodrigues (10), Tamires Aparecida Ferreira Santos (31) e Gabriel Souza Cardoso (26). Todos eram mais do que nomes; eram pessoas com sonhos, famílias e histórias que agora são lembradas com pesar.

A tragédia foi agravada pelas chuvas intensas que passaram pela cidade nos dias anteriores. A área afetada já era conhecida por sua instabilidade e risco de deslizamentos, segundo a Defesa Civil do Estado de São Paulo, especialmente durante períodos de precipitação intensa. O bairro, situado em uma encosta, num talude particular, há muito tempo enfrentava o desafio da vulnerabilidade a deslizamentos de terra.

Situação semelhante é a da Rua São Carlos, em Franco da Rocha, apontada como local de “alto risco” para “escorregamento” em uma área com 47 imóveis, no bairro Parque Paulista. No local, um deslizamento no domingo deixou ao menos 8 mortos, incluindo um menino de 13 anos. (Mengue; et al, 2022)

Os moradores relataram que, durante a chuva, o solo começou a ceder e logo em seguida, as casas foram arrastadas pela lama. Os bombeiros e a Defesa Civil foram chamados para socorrer as vítimas e iniciaram os trabalhos de resgate imediatamente. O resgate das vítimas foi um trabalho árduo e delicado, e aconteceu com a ajuda da população.

As vítimas foram levadas para o Hospital Estadual de Franco da Rocha, que mobilizou sua equipe para atender os feridos. Muitas pessoas ficaram desabrigadas e foram acolhidas em abrigos temporários. A prefeitura de Franco da Rocha decretou estado de emergência na cidade e

mobilizou equipes para prestar atendimento às famílias atingidas pelo deslizamento. A Defesa Civil continuou avaliando a área e verificando os riscos de novos deslizamentos.

Enquanto a cidade se recupera desse desastre, as marcas da tragédia ainda assombram a cidade de Franco da Rocha. Dezenas de famílias perderam suas casas, sendo agora classificadas como desabrigadas. Esta ocorrência ressalta a importância da prevenção de desastres naturais e da segurança das comunidades em áreas de risco, e chama a atenção para a necessidade de apoio às vítimas e suas famílias em momentos tão difíceis.

No meio da reconstrução, uma voz se destaca entre os moradores afetados pela catástrofe. José Rodrigues (63), um ex-morador da Rua São Carlos, ele tem sido uma figura central na busca por soluções para as famílias atingidas. Ele expressa preocupação e descontentamento com a atual situação de moradia para os sobreviventes.

José Rodrigues, que perdeu sua casa na Rua São Carlos durante o deslizamento de terra, argumenta que as casas que estão disponíveis para as famílias afetadas pelo acidente não atendem às necessidades. Sua antiga casa era espaçosa, e agora ele enfrenta o desafio de encontrar uma habitação que acomode adequadamente sua família.

"Não se trata apenas de reconstruir casas; trata-se de reconstruir vidas", afirma José Rodrigues. Ele acredita que é crucial não apenas oferecer abrigo temporário, mas também garantir que as famílias tenham acesso a casas adequadas ao tamanho de suas famílias e às suas necessidades individuais. A tragédia não apenas tirou suas casas, mas também afetou profundamente a vida de seus filhos, de sua esposa e vizinhos.

Durante a pesquisa, se nota que José Rodrigues representa a voz de muitos moradores que, apesar de enfrentarem adversidades e não quererem se identificar, continuam a lutar por justiça, dignidade e uma oportunidade de recomeçar suas vidas de maneira adequada e condizente com suas necessidades.

Sua persistência e defesa por uma solução mais abrangente e adequada ressaltam a complexidade da recuperação após desastres naturais e a importância de considerar as circunstâncias individuais das vítimas em momentos tão difíceis.

1.2.4 PROVIDÊNCIAS APÓS ACIDENTE

Após o acidente de deslizamento de terra no início de 2022, 70 famílias tiveram suas casas demolidas e a Prefeitura ofereceu um conjunto habitacional (372 unidades); 397 famílias

receberam e continuam recebendo o "Força Franco", um benefício no valor de 300 reais para as famílias que moram em zona de risco (Um mês, 2022)

Uma obra de contenção começou a ser feita no lugar onde antes estavam as casas atingidas, cerca de 70 famílias tiveram seus imóveis destruídos pela lama ou demolidos depois (Um mês, 2022)

Para cada setor de risco, foram sugeridas uma ou mais tipologias de intervenção para redução de risco, aderentes ao processo identificado. Para cada tipologia recomendada, foram estimados quantitativos (como extensões, áreas e/ou volumes), em campo ou graficamente, que permitiram o orçamento individualizado das intervenções para cada setor de risco. Serviços de limpeza e recuperação: serviços de limpeza de entulho, lixo, etc. Recuperação e/ou limpeza de sistemas de drenagem, esgotos e acessos. Também inclui obras de limpeza de canais de drenagem. Correspondem a serviços manuais e/ou utilizando maquinário de pequeno porte; Obras de drenagem superficial, proteção vegetal (gramíneas) e desmonte de blocos e matacões: Implantação de sistema de drenagem superficial (canaletas, rápidos, caixas de transição, escadas d'água etc.). Implantação de proteção superficial vegetal (gramíneas) em taludes com solo exposto. Eventual execução de acessos para pedestres (calçadas, escadarias etc.) integrados ao sistema de drenagem. Proteção vegetal de margens de canais de drenagem. Desmonte de blocos rochosos e matacões. Predomínio de serviços manuais e/ou com maquinário de pequeno porte. (Beatriz, 2022).

Obras de urbanização agregadas a drenagem e esgotamento sanitário: pequenas obras de urbanização tais como urbanização de becos, abertura de acessos, execução de passarelas, urbanização de áreas visando implantação adequada de redes de drenagem e esgotamento sanitário, estabelecimento de "rotas de fuga" e destinação de uso a áreas de risco desocupadas ou remanescentes de remoção de famílias; estruturas de contenção de pequeno porte: Implantação de estruturas de contenção de pequeno porte. Obras de contenção e proteção de margens de canais (gabiões, muros de concreto etc.). Correspondem a serviços parcial ou totalmente mecanizados (Ministério, 2021)

Obras de terraplenagem de médio a grandes portes: execução de serviços de terraplenagem. Execução combinada de obras de drenagem superficial e proteção vegetal (obras complementares aos serviços de terraplenagem). Obras de desvio e canalização de córregos. Predomínio de serviços mecanizados. (Ministério, 2021).

Em setembro deste ano, a Prefeitura de Franco da Rocha apresentou um projeto de mitigação de risco na área atingida pelo deslizamento. O projeto, denominado "Projeto e Mutirão para mitigação de risco em área atingida por escorregamento: ATHIS no Núcleo São Carlos," foi discutido em uma reunião na Emeb Maria Aguilar Hernandez, no Jardim dos Reis em Franco da Rocha. Essa iniciativa é resultado da colaboração entre a Secretaria Municipal de Habitação e Regularização Fundiária, o Instituto Soma, o Conselho de Arquitetura e Urbanismo (CAU/BR) e a Ecounion.

O projeto envolve a construção de um novo muro de contenção na parte inferior da Rua São Carlos, em regime de mutirão com os moradores locais, visando à recuperação da área afetada pelo deslizamento de terra em 2022. Além da construção física, o projeto inclui assistência técnica de habitação e mobilização social para melhorias urbanas e habitacionais na região.

Além da construção, o projeto inclui a capacitação dos voluntários do mutirão por meio de oficinas que visam não apenas à instrução técnica, mas também ao fortalecimento de vínculos sociais durante todo o processo, até a conclusão do projeto. A Secretária de Habitação e Regularização Fundiária, Ana Carolina, enfatizou que este é apenas o início de um dos programas destinados a proporcionar segurança às famílias que eventualmente retornarão às suas casas na Rua São Carlos e que o projeto também servirá como modelo para outras áreas de risco em Franco da Rocha.

CAPÍTULO 2 – ESQUEMA DE INVESTIGAÇÃO

Neste segundo capítulo, o foco é nos métodos de pesquisa/investigação que a pesquisadora utilizou para construção do livro-reportagem, onde há a justificação da pesquisadora para a escolha do tema, suas razões para ser construído e o período de pesquisa.

Essa pesquisa envolve métodos de busca e coleta de informações que a permitiram reunir uma base teórica essencial para contextualizar a tragédia. Também há discussão sobre coleta de dados, informações e depoimentos das vítimas, abordando as fontes consultadas. As fontes incluem tanto especialistas na área de deslizamentos de terra e geografia, quanto as próprias pessoas afetadas pela tragédia, oferecendo uma perspectiva abrangente e rica do ocorrido na Rua São Carlos.

Neste sentido, a pesquisa incorpora fontes oficiais, como relatórios governamentais, documentos técnicos e representantes oficiais de governo, bem como fontes testemunhos diretos das vítimas, incluindo informações de fontes comunitárias. Esse enfoque permitiu explorar a tragédia de maneira abrangente e compreensiva, proporcionando aos leitores uma visão completa dos eventos e de suas implicações sociais, ambientais e econômicas.

2.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O desejo de trabalhar com este tema surge como segunda opção, após a experiência da formanda na ocasião. A pesquisadora estagiava na assessoria de imprensa da Prefeitura de Franco da Rocha, e foi uma das primeiras pessoas da Prefeitura a chegar no local naquela manhã, quando presenciou de perto a ação das imprensas, que entrevistaram os moradores e familiares das vítimas e várias pessoas no local. Essa experiência chamou a atenção da formanda para o tamanho da tragédia e a fez refletir sobre como eventos semelhantes podem ocorrer em outras localidades, eventos que até então, havia presenciado apenas pela televisão. Logo, a pesquisadora, que também é franco-rochense, e que sempre sofreu junto aos munícipes as tragédias causadas pelas chuvas em Franco da Rocha, pensou em destacar a importância de abordar este assunto e buscar soluções para prevenir futuros incidentes.

A definição do tema então se dá a partir de uma conversa com o professor orientador, Felipe dos Santos Schadt, no final do segundo semestre de 2022, o professor, assim que escutou sobre o tema aceitou o convite para ser orientador e este diálogo foi fundamental para a definição

do tema de pesquisa. Foi discutido que, primeiramente, o tema é relevante para o campo do jornalismo, pois reconhece a importância da imprensa na cobertura de desastres naturais e na documentação dos impactos sobre as vítimas e comunidades afetadas.

O jornalismo desempenha um papel fundamental na divulgação de informações, na conscientização pública e na pressão por medidas preventivas e políticas públicas efetivas. Nesse sentido, a pesquisa proposta visa aprofundar a abordagem jornalística desses eventos, indo além das matérias de jornal e explorando outras fontes de informação, o que é um passo crucial para a compreensão completa dos desastres naturais.

Além disso, a criação de um livro como resultado da pesquisa tem um valor importante na área da preservação da memória das vítimas e suas famílias. Os desastres naturais são eventos traumáticos que muitas vezes resultam na perda de vidas humanas e têm um impacto duradouro nas comunidades afetadas. Registrar essas histórias em um livro é uma forma de homenagear as vítimas e dar voz às suas experiências. Isso contribui para que a sociedade não esqueça os eventos trágicos do passado, promovendo uma reflexão contínua sobre a prevenção de desastres e a importância de políticas públicas adequadas para proteger a população.

A escolha de disponibilizar o livro tanto em formato físico quanto em formato PDF para estudos demonstra um compromisso com a disseminação das informações de forma acessível. Isso possibilita que um público amplo tenha acesso às histórias das vítimas, às análises jornalísticas detalhadas e às informações relevantes sobre desastres naturais e medidas de prevenção. Portanto, além de ser uma pesquisa acadêmica, o livro tem um caráter social e educativo, contribuindo para a conscientização pública e a construção de conhecimento.

Para este trabalho, são utilizados métodos de procedimentos, seguindo as ideias de Gil, (2002) apud Freitas, (2013) professores e pesquisadores brasileiros de metodologia científica que tiveram suas ideias utilizadas em sala de aula. A metodologia dos autores estabelece que este tipo de pesquisa está no nível de “metodologia exploratória”, que é uma abordagem de pesquisa que busca explorar um determinado fenômeno ou problema de forma inicial, a fim de obter um entendimento mais aprofundado sobre o tema, no caso, o deslizamento de terra da Rua São Carlos. Essa metodologia envolve a coleta de dados de forma flexível e aberta, utilizando diferentes técnicas jornalísticas, como os procedimentos de observação, entrevistas e revisão bibliográfica, junto aos documentos. A partir destes referenciais teóricos o trabalho foi desenvolvido, pois contém:

- A organização e análise das fontes: importante, pois é o processo pelo qual elas serão organizadas e categorizadas de acordo com os capítulos do livro, identificando quais serão relevantes em cada momento;
- Interpretação dos dados: com base na análise das fontes, serão elaboradas interpretações e explicações sobre o evento para o entendimento. Isso envolve a formulação de evidências encontradas nas fontes;
- Construção da narrativa histórica: as interpretações e explicações para construir uma narrativa histórica coerente. A narrativa histórica busca explicar o contexto, os motivos e as consequências dos eventos estudados, proporcionando uma compreensão mais profunda do evento passado;
- Revisão e divulgação dos resultados: Os resultados da pesquisa histórica são revisados e apresentados em forma de relatórios, ensaios, livros ou outros meios de divulgação. É importante compartilhar os resultados com a comunidade acadêmica e o público em geral, contribuindo para a construção do conhecimento histórico;
- Reportagens de jornais locais que apresentam histórias individuais de sobreviventes e moradores da área afetada;
- Comunicados de imprensa da Prefeitura de Franco da Rocha sobre as ações tomadas em resposta ao desastre;
- Relatórios oficiais de órgãos responsáveis pela gestão de desastres, como a documentos e registros das reuniões do governo municipal, onde foram discutidas as medidas adotadas em resposta ao deslizamento;

Este tipo de metodologia se confirma, pois além de conter informações verídicas que dão veracidade aos fatos fazem parte de um método jornalístico de pesquisa. Nelson Traquina, renomado teórico da área do jornalismo, destaca a importância da metodologia jornalística em relação à pesquisa factual. Ele argumenta que a busca pela veracidade dos fatos é um princípio fundamental para o jornalismo, uma vez que a precisão dos dados e informações é crucial para a credibilidade e confiança do público. Em sua obra "Teorias do Jornalismo: Volume 1 - Porque as Notícias São como São", Traquina ressalta que a metodologia jornalística, através da investigação rigorosa e da busca de diferentes perspectivas, é essencial para garantir a precisão e a objetividade na cobertura dos eventos. (Traquina, 2005, p. 55)

André Trigueiro é um renomado jornalista brasileiro que busca trazer uma visão crítica e informada sobre as problemáticas ambientais, além de ser um exemplo de pesquisa ambiental, ele promove a conscientização e o engajamento da sociedade em relação à proteção do meio ambiente. O tema do trabalho em si, também busca essa reflexão, aproximada das técnicas do autor.

2.2 FONTES CONSULTADAS

O jornalismo é uma série de procedimentos, dentre eles, o papel fundamental é o de contar histórias por meio de uma rigorosa apuração dos fatos e das fontes. Todo jornalista se assemelha a um ouvinte atento, cuja missão é buscar, escutar, interpretar e, finalmente, comunicar o que de fato ocorreu. Neste contexto, encontram-se as fontes, indivíduos que presenciaram ou possuem conhecimento sobre os eventos em questão. São elas que dão vida à história jornalística.

De acordo com Lage (2005), os repórteres desempenham um papel essencial na seleção e questionamento das fontes, coletando dados e depoimentos, contextualizando-os de acordo com as normas jornalísticas. Assim, as informações são processadas e transformadas em notícias que possam ser compartilhadas com o público.

As fontes especialistas consultadas pela pesquisadora se encaixam na categoria das fontes oficiais, como definido por Pena (2005). Estas fontes são mantidas pelo estado ou por instituições que o representam, tais como as comerciais, secretarias, ministérios e outros órgãos oficiais. Elas possuem a legitimidade para representar o setor do Estado ao qual estão vinculadas. Entretanto, é importante observar que essas fontes tendem a ser parciais, uma vez que possuem interesses a serem protegidos, como apontado por Pena, por isso é importante apresentar uma segunda fonte especialista questionando-o sobre as respostas.

Além disso, a pesquisa também contou com fontes diretas ou testemunhas, que incluem depoimentos e personagens envolvidos diretamente no acontecimento, como vítimas e testemunhas. Vale mencionar a categoria da fonte testemunhal, a qual estabelece uma relação direta com o evento em questão. Conforme Pena (2005), é relevante destacar que os relatos dessas fontes são frequentemente mediados pelas emoções, o que pode influenciar a sua narração.

A inclusão da perspectiva do “O Jornalista Como Fonte”, de Lage, é uma adição

significativa à pesquisa, ela aborda o papel dos jornalistas na disseminação de informações e como eles atuam como intermediários entre os acontecimentos e o público. De acordo com o autor, muitas notícias dependem da iniciativa das fontes em divulgá-las.

Nesta pesquisa, se incorpora uma variedade de fontes oficiais, como jornais, assessorias de comunicação e outras, que desempenharam um papel fundamental na construção de um relato completo e verídico dos acontecimentos. Esse uso de fontes oficiais proporcionou um alicerce sólido para a veracidade dos fatos apresentados no trabalho.

A pesquisa de Lage, "O Jornalista como Fonte", também foi uma contribuição crucial. Ela lança luz sobre o papel do jornalista como uma fonte de informações, destacando a importância da atuação jornalística como intermediária entre os acontecimentos e o público. A pesquisa enfatiza como as fontes jornalísticas, sejam elas especialistas, testemunhas diretas ou indiretas, ou fontes noticiosas, desempenham um papel vital na narrativa jornalística, influenciando o processo de seleção e divulgação de notícias.

A formanda, ao utilizar essa pesquisa, compreende sobre as fontes de informação jornalística, incluindo os próprios jornalistas, que desempenham um papel crucial na produção de notícias. E esta pesquisa de Lage destaca a necessidade de avaliar a legitimidade e o valor noticioso das informações, independentemente de sua origem.

2.3 FONTES ESPECIALISTAS

Marcelo Fischer Gramani – Geólogo (IGc, 1996) - mestrado (EPUSP, 2001), pesquisador do IPT desde 2002. Atividades de mapeamento de áreas de risco, formação e capacitação de equipes, atendimentos emergenciais, avaliação de cenários de risco em áreas ocupadas e infraestrutura (dutos, ferrovias, rodovias)

Data da entrevista: 13/09/2023

Local: São Paulo

Contribuição: fornece informações valiosas sobre mapeamento de áreas de risco, avaliação de cenários de risco em áreas urbanas, e estratégias de mitigação e prevenção de deslizamentos de terra. Sua experiência em atendimentos emergenciais e capacitação de equipes também traz uma perspectiva prática importante para o trabalho, oferecendo uma visão abrangente do tema e possíveis soluções para questões relacionadas a deslizamentos de terra em Franco da Rocha, SP.

Rogério Vallejo – psicólogo

Data da entrevista: 11/09/2023

Local: São Paulo

Contribuição: desempenha um papel fundamental na ampliação da compreensão e abordagem do tema. O psicólogo traz uma perspectiva complementar e crucial para o estudo, uma vez que a dimensão psicossocial é uma parte intrínseca das consequências de desastres naturais e, muitas vezes, é negligenciada. Fornecer insights valiosos sobre o impacto psicológico dos deslizamentos de terra nas vítimas e nas comunidades afetadas. Ele compartilha informações sobre como as pessoas lidam com o trauma e o estresse após um desastre natural, as reações emocionais comuns e os processos de recuperação psicológica. Isso é importante porque ajuda a contextualizar a experiência das vítimas e contribuir para a compreensão completa dos deslizamentos de terra como eventos traumáticos.

Além disso, o psicólogo discute estratégias de apoio psicossocial e intervenções que são relevantes para ajudar as vítimas a lidar com o trauma e reconstruir suas vidas. Essas informações são cruciais para a pesquisa, pois podem sugerir diretrizes para políticas públicas, programas de apoio e medidas de prevenção que levem em consideração não apenas a infraestrutura física, mas também o bem-estar mental das pessoas afetadas.

2.4 FONTES PERSONAGENS

Delvina Bonfim Lima - ex moradora da Rua São Carlos e parente de falecidos

Data da entrevista: 02/09/2023

Local: São Paulo

Contribuição: forneceu uma perspectiva valiosa e emocional sobre o fato, que resultou na perda de seus parentes. Sua contribuição consiste em uma entrevista pessoal na qual compartilhou suas experiências e testemunhou os eventos que se desenrolaram naquele dia. Delvina não só esclareceu os detalhes do deslizamento de terra, mas também descreveu seu envolvimento ativo no apoio às vítimas, destacando seu compromisso com a comunidade, sua solidariedade durante a crise e uma perspectiva pessoal. Sua narrativa e visão proporcionam ao trabalho uma dimensão humana importante, ilustrando os impactos sociais e humanos desses desastres naturais e enriquecendo a pesquisa.

Maria Helena Fernandes - ex moradora da Rua São Carlos

Data da entrevista: 26/08/2023

Local: São Paulo

Contribuição: trouxe uma perspectiva impactante. Após perder sua casa no deslizamento de terra, ela tem vivido com as repercussões desse acidente até os dias atuais. Sua história é marcada por desafios contínuos, como a necessidade de morar de aluguel e o emocional de ter vários filhos. Além disso, o fato de sua filha estar grávida durante o evento do deslizamento acrescenta uma dimensão adicional à sua narrativa, demonstrando como esses acontecimentos impactam as famílias em situações de vulnerabilidade.

Eduardo M. Rodrigues - ex morador da Rua São Carlos

Data da entrevista: 26/08/2023

Local: São Paulo

Contribuição: Sua história é um exemplo dos impactos pessoais e econômicos. Eduardo perdeu não apenas a casa onde vivia com sua mãe, Maria Helena, mas também sofreu a perda de seu sustento, uma vez que seu trabalho na área de internet e sua contribuição para a hamburgueria de seus pais foram comprometidos pela tragédia.

José Rodrigues - ex morador da Rua São Carlos

Data da entrevista: 26/08/2023

Local: São Paulo

Contribuição: Aos 67 anos e aposentado, José experimentou uma grande reviravolta em sua vida, tendo anteriormente alcançado estabilidade ao construir sua família e seu próprio negócio de hamburgueria com seus filhos.

A história de José destaca como desastres naturais podem afetar até mesmo aqueles que aparentemente estavam em uma fase estável de suas vidas. Ele, que nunca havia enfrentado problemas psicológicos anteriormente, teve que buscar ajuda devido aos desdobramentos do deslizamento de terra. Sua luta pela justiça e pelos seus direitos com a Prefeitura demonstra a resiliência e a determinação diante do acontecido.

Helena de Jesus Rocha Alves - moradora da Rua São Carlos

Data a entrevista: 09/09/2023

Local: São Paulo

Contribuição: Sua presença na região oferece uma perspectiva dos desdobramentos do deslizamento de terra, uma vez que ela ainda reside no local e compartilha os medos e preocupações de muitos que continuam a morar na área.

Além disso, Helena agiu como uma verdadeira heroína na Rua São Carlos no dia do deslizamento. Sua generosidade e empatia foram evidentes quando ela ofereceu abrigo, roupas e assistência a todos que estavam em busca de ajuda. Sua atitude solidária demonstra o poder da comunidade em momentos de crise. A moradora como outros ainda reside no local e sente medo.

2.5 FONTES OFICIAIS

Eduardo Martins - Secretário de Licenciamento e Planejamento Urbano

Data da entrevista: 13/09/2023

Local: São Paulo

Contribuição: Eduardo Martins, Secretário de Licenciamento e Planejamento Urbano, compartilhou sua visão sobre as questões relacionadas ao planejamento urbano e licenciamento, destacando a importância desses aspectos na prevenção de desastres naturais, como deslizamentos de terra. Sua perspectiva é valiosa para entender as políticas públicas e regulamentos existentes na área.

Marcos Brandino - Chefe de Gabinete do Prefeito

Data da entrevista: 10/09/2023

Local: São Paulo

Contribuição: Marcos Brandino, Chefe de Gabinete do Prefeito, ofereceu *insights* sobre o papel da administração pública local na resposta a desastres naturais e na assistência às vítimas. Ele discutiu a coordenação de esforços e recursos para lidar com crises e a importância de uma resposta eficaz do governo em situações de emergência.

Ana Carolina Alencar - Secretaria de Habitação e Regularização Fundiária

Data da entrevista: 13/09/2023

Local: São Paulo

Contribuição: Ana Carolina Alencar, Secretária de Habitação e Regularização Fundiária, trouxe *insights* valiosos sobre os desafios relacionados à habitação e à regularização fundiária em áreas de risco na cidade, incluindo a Rua São Carlos. Sua perspectiva ajuda a compreender as medidas necessárias para melhorar a segurança habitacional em comunidades suscetíveis a deslizamentos de terra.

Francisco Queiroz - diretor de Defesa Civil de Franco da Rocha

Data da entrevista: 12/09/2023

Local: São Paulo

Contribuição: O Diretor de Defesa Civil de Franco da Rocha, Francisco Queiroz, compartilhou sua experiência e conhecimento em lidar com desastres naturais, incluindo o deslizamento de terra na Rua São Carlos. Suas perspectivas sobre as ações de resposta e prevenção são cruciais para entender como as autoridades locais abordam situações de risco.

CAPÍTULO 3 – DESCRIÇÃO DO PRODUTO

Neste capítulo a pesquisadora descreve o produto final, que é o livro-reportagem "A cidade dormitório que acordou sob escombros". Franco da Rocha é considerada dormitório, pois as pessoas desde a fundação do Juquery sempre utilizam o trem para se deslocar até o trabalho e voltam à cidade apenas para dormir. O capítulo aborda as características básicas do livro, os capítulos, sua diagramação e edição, a linguagem empregada, o público-alvo e planos de divulgação. Também menciona um orçamento que inclui despesas com passagens e alimentação. É um capítulo essencial para entender a apresentação do seu trabalho de pesquisa.

3.1 CARACTERÍSTICAS BÁSICAS

A pesquisadora optou por adotar o formato de livro-reportagem no tamanho A5, que é amplamente utilizado na publicação de livros. O produto apresenta dimensões de 15 x 20 cm, o que o torna acessível e familiar aos leitores. O conteúdo do livro-reportagem é enriquecido com imagens reais do deslizamento de terra ocorrido na Rua São Carlos, além das imagens que envolvem o fato de que fornecem uma abordagem visual impactante. Além disso, a pesquisadora

incorporou infográficos científicos de sua própria autoria, detalhando informações relevantes também relacionadas ao tema. Uma linha do tempo que está presente para contextualizar os eventos de maneira cronológica. O produto final é composto por 70 páginas, proporcionando uma visão abrangente e informativa do tópico em questão.

Este capítulo do TCC concentra-se na apresentação do livro-reportagem como o resultado da pesquisa, destacando suas características físicas, elementos visuais e a estrutura de conteúdo que o compõe. A escolha do formato A5 colabora para enriquecer a narrativa sobre o deslizamento de terra na Rua São Carlos, permitindo que os leitores tenham uma compreensão mais completa do assunto.

I - O DIA DA TRAGÉDIA

Este capítulo aborda o trágico evento que se desenrolou na Rua São Carlos, no Parque Paulista. Começando com a descrição da rota da Linha 7-Rubi da CPTM, o capítulo oferece um imaginário da paisagem variada que os passageiros testemunham ao longo de seu trajeto diário. No entanto, a narrativa se transforma quando, no dia da tragédia, um deslizamento de terra devastador ocorre, impactando gravemente a comunidade local.

O capítulo relata as experiências e memórias das vítimas, como Maria Helena e José Rodrigues, que perderam suas casas e vizinhos na tragédia, bem como o heroísmo de pessoas como Dona Helena, que desempenharam um papel crucial na assistência às vítimas e na organização dos esforços de resgate. Além disso, destaca o medo persistente que assombra os moradores de áreas de risco em Franco da Rocha, um local suscetível a deslizamentos de terra e alagamentos.

II - FATORES QUE INFLUENCIARAM O ACIDENTE

Explora os fatores que influenciaram o acidente na Rua São Carlos. O capítulo começa destacando a topografia única da Rua São Carlos, uma encosta inclinada, e como a cidade de Franco da Rocha cresceu em torno do desativado Complexo Hospitalar do Juquery, com sua geografia caracterizada por morros e vales.

O capítulo destaca a transformação da cidade após o desativamento do complexo, que criou oportunidades para o desenvolvimento urbano. Franco da Rocha não é apenas um subúrbio de São Paulo, mas possui uma identidade própria moldada por sua geografia única e sua história. No entanto, o capítulo também aponta os desafios enfrentados pela cidade, principalmente devido à ocupação irregular de terrenos propensos a deslizamentos de terra e alagamentos.

Se aprofunda nos eventos climáticos extremos que precederam a tragédia, com um destaque especial para o alto volume de chuva que Franco da Rocha recebeu em janeiro de 2022, muito acima da média esperada. A nota técnica do Instituto de Pesquisas Tecnológicas do Estado de São Paulo (IPT) é mencionada, mostrando como a cidade enfrentou um evento climático classificado como extremo, com um período de retorno de 154 anos, indicando a gravidade da situação.

Além disso, o capítulo aborda a classificação de risco das áreas afetadas, com destaque para a Rua São Carlos, classificada como R2 (risco moderado). A importância de conscientizar a comunidade sobre os riscos, mesmo quando não são óbvios, é enfatizada, e a Defesa Civil é mencionada como uma parte vital desse processo.

O capítulo também explora o Plano Municipal de Redução de Riscos (PMRR) de 2019, que delineia as obras necessárias e os recursos necessários para mitigar os riscos, mas destaca a necessidade de financiamento externo para implementar as medidas necessárias.

III - A DOR DE DELVINA BONFIM

Este capítulo narra a história de Delvina Bonfim, uma mulher corajosa de 41 anos que viveu uma vida marcada por desafios e tragédias devido às condições precárias de moradia na comunidade São Carlos. Delvina, que trabalhava na estação de Francisco Morato da CPTM, recebeu um telefonema de sua tia, que descreveu a situação caótica na Rua São Carlos. Ela soube que sua mãe ainda estava na comunidade no momento, o que a impulsionou a correr para lá imediatamente. O capítulo destaca a profunda ligação de Delvina com a Rua São Carlos, onde ela cresceu, apesar de não ser mais moradora da área.

A história descreve a angustiante busca de Delvina por sua mãe, que a levou a testemunhar a tragédia, com pessoas feridas e casas soterradas. Finalmente, ela encontrou sua

mãe a salvo na casa de uma tia, mas com a triste notícia de que seu irmão, Cleber Bonfim, permanecera na Rua São Carlos e havia sido uma das vítimas do deslizamento de terra.

O capítulo ressalta a dor da perda de Cléber e de outras vítimas na comunidade, enfatizando as consequências da falta de regulamentação e fiscalização na habitação irregular. Delvina compartilha uma mensagem importante sobre a necessidade de priorizar a segurança nas comunidades vulneráveis, a fim de evitar tragédias semelhantes no futuro.

IV- AS MORADIAS IRREGULARES

Explora a questão das habitações irregulares na comunidade São Carlos, onde Delvina Bonfim viveu grande parte de sua vida. A narrativa destaca como a falta de regulamentação e fiscalização governamental permitiu o rápido crescimento de habitações irregulares na área.

O capítulo descreve como, na década de 1980, quando Delvina e sua família se mudaram para a comunidade, a prefeitura inicialmente tentou conter a construção de habitações irregulares devido aos riscos envolvidos. No entanto, essa tentativa de contenção resultou em um rápido crescimento desordenado de casas, à medida que a falta de fiscalização permitiu a construção indiscriminada.

A narrativa também aborda como a ocupação irregular de terras se tornou uma oportunidade de ganhar dinheiro em um contexto socioeconômico difícil. Muitas famílias viram na construção e venda de terrenos improvisados uma maneira de sobreviver. No entanto, essa falta de regulamentação não apenas permitia a ocupação irregular, mas também contribuía para as condições precárias de moradia na comunidade.

Além disso, o capítulo destaca como a localização da Rua São Carlos em uma área de risco a tornava vulnerável a desastres naturais, como deslizamentos de terra. A ocupação irregular das encostas das colinas tornava as casas suscetíveis a desmoronamentos e inundações, colocando em risco a vida das pessoas que viviam lá.

A história de Delvina e a situação da Rua São Carlos ilustram um problema generalizado de habitação irregular no Brasil, onde a falta de regulamentação e o déficit habitacional levam as pessoas a ocuparem áreas de risco por necessidade. O capítulo destaca a necessidade de uma abordagem abrangente para enfatizar essa questão complexa e garantir moradias dignas e seguras para todos os cidadãos.

Além disso, o capítulo inclui informações sobre o Programa Municipal de Regularização Fundiária e Reurbanização (PMRR) e como ele desempenhou um papel importante em conscientizar as famílias sobre os riscos associados às áreas de risco e incentivá-las a se realocar para locais mais seguros.

A discussão sobre o auxílio-moradia oferecido pela Prefeitura e as expectativas das famílias em relação às novas moradias revela desafios complexos, incluindo questões relacionadas ao valor do auxílio-moradia e ao tamanho das novas moradias. A Prefeitura está trabalhando para equilibrar as limitações orçamentárias com a necessidade de fornecer habitações adequadas e seguras para as famílias afetadas pela tragédia na Rua São Carlos.

V - O MEDO E AS ATITUDES PRECIPITADAS

Este capítulo explora a incerteza que permeia a vida dos residentes de Franco da Rocha, que vivem em uma área vulnerável a deslizamentos de terra e alagamentos. A narrativa mergulha nas experiências cotidianas dos franquenses, revelando como o medo de desastres naturais afeta suas vidas. Os moradores enfrentam a constante preocupação com as condições climáticas, as chuvas intensas e o potencial risco de perderem suas casas e entes queridos.

Ao longo deste capítulo, os leitores serão apresentados a histórias pessoais de moradores que compartilham suas perspectivas sobre a vida em uma área de risco. A incerteza e a ansiedade constante moldam suas escolhas e decisões diárias, desde onde construir suas casas até como planejar suas rotinas.

Além das experiências individuais, o capítulo abordará as iniciativas da comunidade para se preparar e se proteger, incluindo a formação de redes de apoio e a busca por informações sobre segurança. Os leitores terão a oportunidade de entender a resiliência dos franquenses e como enfrentam o medo constante em busca de uma vida melhor.

VII- ESPERANÇA E INCERTEZA

Neste capítulo, o livro entra em uma dimensão mais filosófica, explorando o futuro incerto de Franco da Rocha. O capítulo se concentra nas perspectivas da cidade e de seus cidadãos à medida que enfrentam os desafios contínuos relacionados a deslizamentos de terra e alagamentos. As fontes oficiais e as autoridades da cidade compartilham suas visões sobre o

desenvolvimento futuro e as estratégias para enfrentar os riscos.

O capítulo também inclui discussões sobre a importância da colaboração entre governos, comunidades e especialistas para criar um futuro mais seguro. Ele explora questões relacionadas ao planejamento urbano responsável, políticas públicas eficazes e medidas de prevenção. A incerteza e a complexidade do cenário são analisadas à medida que os cidadãos e autoridades consideram como moldar o destino da cidade.

Através de narrativas envolventes e perspectivas diversificadas, este capítulo convida os leitores a refletirem sobre questões profundas, como a relação entre o ser humano e a natureza, a necessidade de resiliência em face da incerteza e as esperanças para um futuro mais seguro e sustentável. É uma reflexão sobre como a cidade de Franco da Rocha pode continuar sua jornada em meio a desafios constantes.

3.2 DIAGRAMAÇÃO/EDIÇÃO

Os programas utilizados durante a elaboração do meu livro-reportagem foram o Google Docs e o Scribus 1.5.7. O Google Docs foi escolhido devido à familiaridade da pesquisadora com os recursos oferecidos por ele, facilitando o processo de pesquisa, escrita e compartilhamento das informações e observações com os professores. Já o Scribus foi a ferramenta utilizada para a diagramação final, especialmente com o auxílio do professor Leonardo Feitosa, que ministra aulas de projeto gráfico e editorial em jornalismo.

A capa do livro, que é de autoria da pesquisadora, apresenta uma foto que capturou da Rua São Carlos após deslizamento. A escolha de uma imagem da própria comunidade realça a autenticidade do livro e a conexão direta com a temática abordada. A foto ilustra a realidade e suas peculiaridades.

A dimensão do livro é de 15 x 20 cm, com um total de 75 páginas divididas em seis capítulos. O conteúdo do livro explora a história e as experiências vividas na Rua São Carlos, oferecendo uma visão detalhada da comunidade e das pessoas que a compõem e um objeto de pesquisa para que eventos assim não ocorram novamente. Durante a escrita do livro, a pesquisadora também optou por preservar a identidade de algumas pessoas e, quando necessário, utilizou pseudônimos para proteger suas imagens e privacidade.

3.3 LINGUAGEM EMPREGADA

A linguagem utilizada no livro-reportagem é direcionada ao público amplo interessado em tragédias, eventos climáticos extremos e questões relacionadas a desastres naturais, bem como aqueles que têm interesse na história e geografia da Região Metropolitana de São Paulo, até jornalistas. Além disso, é voltado para leitores preocupados com questões ambientais e urbanas.

Para garantir a compreensão do público, mesmo quando termos técnicos foram utilizados, todas as expressões técnicas foram devidamente explicadas através de notas de rodapé. Isso permite uma leitura acessível a um público diversificado.

Durante a escrita, a pesquisadora optou por narrar em terceira pessoa, detalhando os eventos históricos e as circunstâncias relacionadas ao deslizamento de terra na Rua São Carlos em Franco da Rocha. No entanto, em algumas partes, recorre à primeira pessoa do singular, principalmente quando se trata de entidades ou órgãos envolvidos, como o Instituto de Pesquisas Tecnológicas do Estado de São Paulo (IPT).

O livro-reportagem aborda eventos técnicos e científicos, como o Complexo Hospitalar do Juquery e o papel do Instituto de Pesquisas Tecnológicas do Estado de São Paulo (IPT) na análise climática. Além disso, são explorados, por exemplo, conceitos como "período de recorrência" ou "de retorno" para explicar a frequência de eventos climáticos semelhantes.

A narrativa também destaca o "evento climático extremo", referindo-se à situação de acumulação de chuva que afetou Franco da Rocha, trazendo a compreensão necessária para os leitores. O tom do livro é informativo e reflexivo, abordando a tragédia de forma detalhada e sensível, com o intuito de levar os leitores a refletirem sobre os desafios enfrentados em situações similares e sobre as medidas necessárias para lidar com eventos climáticos extremos e seus impactos em comunidades como a Rua São Carlos, em Franco da Rocha.

3.4 PÚBLICO ALVO

O público-alvo preferencial do livro-reportagem, é constituído, em primeiro lugar, por todas as pessoas que vivenciaram direta ou indiretamente os impactos desse evento. Isso inclui moradores da região, familiares das vítimas, membros das comunidades vizinhas e qualquer

pessoa que tenha interesse em compreender a tragédia.

Além disso, o livro busca atingir um público mais amplo, que abrange a sociedade como um todo. A tragédia em questão possui amplas implicações relacionadas a questões urbanas, ambientais, de segurança e gestão pública. Portanto, o livro tem o objetivo de democratizar a informação, tornando-a acessível a um público diversificado, incluindo estudantes, pesquisadores, profissionais da área ambiental, jornalistas e todos aqueles interessados em questões urbanas e desastres naturais.

A complexidade da tragédia e os fatores envolvidos, como as condições socioeconômicas, geográficas e climáticas, tornam o livro informativo e relevante para qualquer pessoa que queira entender as causas e consequências de eventos climáticos extremos e como eles afetam as comunidades locais.

3.5 DIVULGAÇÃO

O livro terá sua primeira forma de divulgação na biblioteca do Centro Universitário Campo Limpo (UNIFACCAMP), onde uma cópia estará disponível para consulta no acervo da instituição, proporcionando aos alunos interessados na temática.

Como forma de agradecimento e reconhecimento aos personagens e profissionais que generosamente contribuíram para a elaboração deste projeto, eles receberão uma cópia do livro em formato PDF, possibilitando o compartilhamento da obra. Mas também receberão o livro impresso.

Além disso, o livro será divulgado por meio das redes sociais da pesquisadora, incluindo plataformas como Facebook, Instagram e Twitter. Posteriormente, o livro será disponibilizado em plataformas de venda, como a Amazon, tornando-o acessível a um público ainda mais amplo. A pesquisadora também tomará a iniciativa de disponibilizar o livro em um serviço de armazenamento online, como o Google Drive, garantindo uma distribuição ainda mais abrangente e facilitando o acesso ao conteúdo.

3.6 ORÇAMENTO

PASSAGEM	R\$ 50,00
ALIMENTAÇÃO	R\$ 67,50

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desta pesquisa, investigar o ocorrido da Rua São Carlos, representou um compromisso com a comunidade e um mergulho nas questões críticas que envolvem desastres naturais e a resposta governamental. Este trabalho vai além do papel acadêmico e técnico; ele tem raízes na realidade vivida por aqueles diretamente afetados por esse desastre.

Um aspecto que surgiu dessa pesquisa e que se destaca é a relação colaborativa entre a administração governamental e a comunidade de Franco da Rocha. As vozes dos personagens entrevistados, contradisseram a expectativa inicial da pesquisadora. A crença de que haveria um abismo entre a administração e a comunidade, sem dúvida, foi desafiada por esta descoberta. A experiência de Franco da Rocha serve como um contraponto aos casos de desastres que envolvem falta de transparência e respostas governamentais inadequadas, como, por exemplo, o caso de Brumadinho. Este aprendizado enfatiza a importância do engajamento e da cooperação eficaz entre todas as partes interessadas na gestão de crises e desastres naturais.

Vale ressaltar que a pesquisadora possui uma conexão pessoal profunda com a cidade de Franco da Rocha, pois nasceu no Hospital Psiquiátrico do Juquery e reside na região desde o nascimento. Essa conexão trouxe uma dimensão emocional única à pesquisa e fortaleceu o compromisso com a comunidade local.

A ética jornalística foi uma ferramenta orientadora durante todo o processo de pesquisa. A pesquisa foi conduzida de maneira objetiva, buscando apresentar uma narrativa emocionante, mas ao mesmo tempo informativa. Foram consultadas, desde fontes oficiais, como relatórios governamentais e documentos técnicos, até entrevistas com as vítimas e especialistas. Esse método abrangente permitiu uma análise completa dos eventos e de suas implicações sociais, ambientais e econômicas.

Nesse contexto, também se reconhece a importância de abordar e enfrentar os riscos associados a desastres naturais, como deslizamentos de terra, por meio de prevenção e planejamento urbano adequado. A tragédia na Rua São Carlos destaca a necessidade de avaliar e tratar esses riscos antes que ocorram, em vez de apenas reagir a eles.

Este trabalho reforça o papel fundamental do jornalismo como ferramenta de investigação, conscientização e mudança social. Um jornalismo ético e responsável não apenas

relata eventos, mas também influencia a maneira como a sociedade, o governo e as instituições lidam com questões críticas, como desastres naturais. O poder da informação e da narrativa jornalística é grande e pode ser uma força para melhorar as comunidades e prevenir futuras tragédias. A pesquisa em Franco da Rocha serve como um exemplo inspirador de como o jornalismo pode impactar positivamente as vidas das pessoas e promover a segurança e o bem-estar coletivos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARTIGOS ACADÊMICOS:

DOS SANTOS REIS, A. Memórias e histórias da Cidade (1980 - 2010). Tese de Mestrado—Pontifícia Universidade de São Paulo (PUC): [s.n.].

História de Franco da Rocha – Franco da Rocha .net.br | Guia Online da Cidade. Disponível em: <https://francodarocha.net.br/historia-de-franco-da-rocha/>. Acesso em: 5 mai. 2023.

PLANO MUNICIPAL DE REDUÇÃO DE RISCOS (PMRR) NO MUNICÍPIO DE FRANCO DA ROCHA, SP. Disponível em: https://www.francodarocha.sp.gov.br/arquivos/texto/anexo_615774ce21d66.pdf. Acesso em: 12 mai. 2023.

ROSA, I. Vazios Urbanos Como vazios de preservação: Franco da Rocha nas terras de Juquery. TESE—UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO USP: [s.n.].

ENTREVISTAS:

LIMA, Delvina Bonfim: depoimento em 02 de setembro de 2023. Entrevistadora: Khananda Beatriz de Lima Mariano. São Paulo. Entrevista presencial, 2023. Entrevista concedida ao Projeto Experimental de Jornalismo/2023.

MARTINS, Eduardo de Souza: depoimento em 05 de setembro de 2023. Entrevistadora: Khananda Beatriz de Lima Mariano. São Paulo. Entrevista presencial, 2023. Entrevista concedida ao Projeto Experimental de Jornalismo/2023.

NUNES, Ana Carolina Alencar: depoimento em 05 de setembro de 2023. Entrevistadora: Khananda Beatriz de Lima Mariano. São Paulo. Entrevista presencial, 2023. Entrevista concedida ao Projeto Experimental de Jornalismo/2023.

QUEIROZ, Francisco Antônio de: depoimento em 29 de agosto de 2023. Entrevistadora: Khananda Beatriz de Lima Mariano. São Paulo. Entrevista presencial, 2023. Entrevista concedida ao Projeto Experimental de Jornalismo/2023.

RODRIGUES, Eduardo Macedo: depoimento em 26 de agosto de 2023. Entrevistadora: Khananda Beatriz de Lima Mariano. São Paulo. Entrevista presencial, 2023. Entrevista concedida ao Projeto Experimental de Jornalismo/2023.

RODRIGUES, José: depoimento em 26 de agosto de 2023. Entrevistadora: Khananda Beatriz de Lima Mariano. São Paulo. Entrevista presencial, 2023. Entrevista concedida ao Projeto Experimental de Jornalismo/2023.

RODRIGUES, Maria Helena Fernandes de Macedo: depoimento em 26 de agosto de 2023.

Entrevistadora: Khananda Beatriz de Lima Mariano. São Paulo. Entrevista presencial, 2023. Entrevista concedida ao Projeto Experimental de Jornalismo/2023.

SILVA, Eliane de Oliveira: depoimento em 05 de setembro de 2023. Entrevistadora: Khananda Beatriz de Lima Mariano. São Paulo. Entrevista presencial, 2023. Entrevista concedida ao Projeto Experimental de Jornalismo/2023.

ZDUNIAK, Samantha: depoimento em 29 de agosto de 2023. Entrevistadora: Khananda Beatriz de Lima Mariano. São Paulo. Entrevista presencial, 2023. Entrevista concedida ao Projeto Experimental de Jornalismo/2023.

MATÉRIAS PUBLICADAS EM MEIO ELETRÔNICO:

CONTEÚDO, E. Grande São Paulo tem 132 mil imóveis em áreas de risco alto e muito alto. Disponível em:

<https://gauchazh.clicrbs.com.br/geral/noticia/2022/02/grande-sao-paulo-tem-132-mil-imoveis-e-m-areas-de-risco-alto-e-muito-alto-ckz4k272s000i01fbvvtf49ao.html>. Acesso em: 14 mai. 2023.

G1 Notícias Bombeiros resgatam último corpo após deslizamento em Franco da Rocha, e número de mortos pela chuva chega a 18. g1, São Paulo, 4 fev. 2022. Disponível em:

<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2022/02/04/bombeiros-resgatam-ultimo-corpo-apos-deslizamento-em-franco-da-rocha-e-numero-de-mortos-pela-chuva-chega-a-18.ghtml>. Acesso em: 14 mai. 2023.

MANSO, B. P.; SALDAÑA, P. Sabesp abre comporta e isola Franco da Rocha. Disponível em:

<https://www.estadao.com.br/sao-paulo/sabesp-abre-comporta-e-isola-franco-da-rocha-imp/>. Acesso em: 12 mai. 2023.

MENGUE, Priscila; FERRARI, Leon; SANT'ANNA, Emilio. Grande São Paulo tem 132 imóveis em áreas de risco alto e muito alto. GaúchaZH, Porto Alegre, 14 fev. 2022. Disponível em:

<https://gauchazh.clicrbs.com.br/geral/noticia/2022/02/grande-sao-paulo-tem-132-mil-imoveis-e-m-areas-de-risco-alto-e-muito-alto-ckz4k272s000i01fbvvtf49ao.html>. Acesso em: 14 mai. 2023.

O ESTADO DE SÃO PAULO. Chuva causa 18 mortes e vítimas neste verão chegam a 57, maior nº desde 2010. Metrôpole, 12 mar. 2016. Disponível em:

<https://www.estadao.com.br/sao-paulo/sabesp-abre-comporta-e-isola-franco-da-rocha-imp/Chuva%20causa%2018%20mortes%20e%20v%C3%ADtimas%20neste%20ver%C3%A3o%20chegam%20a%2057,%20maior%20n%C2%BA%20desde%202010%20-%20O%20Estado%20de%20S%C3%A3o%20Paulo/%20Metr%C3%B3pole%20%2012/03/2016/>. Acesso em: 14 mai. 2023. Por: Adriana Ferraz; et al.

O ESTADO DE SÃO PAULO. Franco da Rocha: lama e desespero. 20 jan. 1987. Disponível

em: <https://drive.google.com/file/d/1IfjlcuTJjf76fvnUebC9sFHOzMhks4Zl/view?usp=sharing>. Acesso em: 14 mai. 2023.

UM MÊS, G1, São Paulo, Um mês após tragédia de Franco da Rocha, moradores ainda temem deslizamentos na região. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2022/02/28/um-mes-apos-tragedia-de-franco-da-rocha-a-moradores-ainda-temem-deslizamentos-na-regiao.ghtml>. Acesso em: 28 fev. 2022.

LIVROS:

ARBEX, Daniela. Holocausto Brasileiro: Vida, Genocídio e 60 Mil Mortes no Maior Hospício do Brasil. São Paulo: Geração Editorial, 2013.

BARCELLOS, Caco. Rota 66: A História da Polícia que Mata. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

LAGE, Nilson. A Reportagem: Teoria e Técnica de Entrevista e Pesquisa Jornalística. 5. ed. Rio de Janeiro: Record, 2005. 86 p.

LIMA, Edvaldo Pereira. Páginas Ampliadas. 3. ed. São Paulo: Editora Manole, 2004.

PENA, Felipe. O Jornalismo Literário como Gênero e Conceito. 2. ed. Editora Contexto, 2006.

VARELLA, Drauzio. Estação Carandiru. 2. ed., 7. reimpressão. Editora Schwarc Ltda., 1999.

MATÉRIAS PUBLICADAS EM MEIO ELETRÔNICO:

CONTEÚDO, E. Grande São Paulo tem 132 mil imóveis em áreas de risco alto e muito alto. Disponível em:

<https://gauchazh.clicrbs.com.br/geral/noticia/2022/02/grande-sao-paulo-tem-132-mil-imoveis-e-m-areas-de-risco-alto-e-muito-alto-ckz4k272s000i01fbvvtf49ao.html>. Acesso em: 14 mai. 2023.

G1 Notícias Bombeiros resgatam último corpo após deslizamento em Franco da Rocha, e número de mortos pela chuva chega a 18. g1, São Paulo, 4 fev. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2022/02/04/bombeiros-resgam-ultimo-corpo-apos-deslizamento-em-franco-da-rocha-e-numero-de-mortos-pela-chuva-chega-a-18.ghtml>. Acesso em: 14 mai. 2023.

MANSO, B. P.; SALDAÑA, P. Sabesp abre comporta e isola Franco da Rocha. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/sao-paulo/sabesp-abre-comporta-e-isola-franco-da-rocha-imp/>. Acesso em: 12 mai. 2023.

MENGUE, Priscila; FERRARI, Leon; SANT'ANNA, Emilio. Grande São Paulo tem 132

imóveis em áreas de risco alto e muito alto. GaúchaZH, Porto Alegre, 14 fev. 2022. Disponível em:

<https://gauchazh.clicrbs.com.br/geral/noticia/2022/02/grande-sao-paulo-tem-132-mil-imoveis-e-m-areas-de-risco-alto-e-muito-alto-ckz4k272s000i01fbvvtf49ao.html>. Acesso em: 14 mai. 2023.

O ESTADO DE SÃO PAULO. Chuva causa 18 mortes e vítimas neste verão chegam a 57, maior nº desde 2010. Metrópole, 12 mar. 2016. Disponível em:

<https://www.estadao.com.br/sao-paulo/sabesp-abre-comporta-e-isola-franco-da-rocha-imp/Chuva%20causa%2018%20mortes%20e%20v%C3%ADtimas%20neste%20ver%C3%A3o%20chegam%20a%2057,%20maior%20n%C2%BA%20desde%202010%20-%20O%20Estado%20de%20S%C3%A3o%20Paulo/%20Metr%C3%B3pole%20%2012/03/2016/>. Acesso em: 14 mai. 2023. Por: Adriana Ferraz; et al.

O ESTADO DE SÃO PAULO. Franco da Rocha: lama e desespero. 20 jan. 1987. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1IfjlcuTJjf76fvnUebC9sFHOzMhks4Zl/view?usp=sharing>. Acesso em: 14 mai. 2023.

UM MÊS, G1, São Paulo, Um mês após tragédia de Franco da Rocha, moradores ainda temem deslizamentos na região. Disponível em:

<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2022/02/28/um-mes-apos-tragedia-de-franco-da-rocha-moradores-ainda-temem-deslizamentos-na-regiao.ghtml>. Acesso em: 28 fev. 2022.

PUBLICAÇÕES OFICIAIS

IBGE. (2021). Franco da Rocha: Histórico. Recuperado em 12 de maio de 2023, de <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/franco-da-rocha/historico>.

IBGE. (2021). Franco da Rocha: História & Fotos. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/franco-da-rocha/historico>. Acesso em: 12 maio 2023.

DA EDUCAÇÃO, M. Elaboração do Plano Municipal de Redução de Riscos (PMRR) no Município de Franco da Rocha, SP. Relatório—Ministério da Educação: [s.n.].

PUBLICAÇÕES EM REDES SOCIAIS:

ROSA, Iná. Perfil de Iná Rosa no LinkedIn. Disponível em: <https://www.linkedin.com/in/in%C3%A1-rosa-43463a65/?originalSubdomain=br>. Acesso em: 26 mai. 2023.

REPORTÁGENS:

FEREZIM, Renato; CAMILO, Orlando. Tragédia Brumadinho / Reportagem Completa do Fantástico/2019. São Paulo: TV Globo, 2019.

APÊNDICE A – ROTEIROS DE ENTREVISTAS

● PERSONAGENS

Maria Helena e José Rodrigues

- Como foi o dia: como conseguiram escapar do deslizamento, como foi tomar a decisão de sair de casa naquele momento;
- Como enfrentaram a situação após o deslizamento: como foram atendidos, se houve machucados graves e como foi o processo de lidar com as mudanças que teriam que fazer;
- Filha grávida: pergunta sobre a preocupação com a filha no dia, pois estavam juntos;
- Perguntas se receberam apoio da comunidade/órgãos públicos e etc;
- Como a tragédia impactou a forma como veem a vida e a segurança das pessoas;
- O que gostariam de expressar àqueles que estão lendo sobre a história.

Delvina Bonfim

- Como foi o dia do deslizamento de terra na Rua São Carlos? Você poderia me contar o que você e sua família estavam fazendo naquele momento?
- Como sua mãe, Dona Maria, reagiu quando percebeu o deslizamento de terra?
- O que você lembra dos momentos imediatamente após o deslizamento de terra? Como sua família e outros moradores reagiram?
- Poderia descrever as condições de sua casa antes do deslizamento? Como era a vida na Rua São Carlos?
- Qual foi o destino de seu irmão e outros parentes durante o deslizamento? Como você e sua família lidaram com essa tragédia?
- Sua mãe, Dona Maria, teve que deixar sua casa após o deslizamento. Como isso afetou a vida dela e de sua família?
- Como a comunidade de Rua São Carlos se uniu e apoiou uns aos outros após o desastre?
- Como vocês conseguiram ajuda após o deslizamento de terra? Houve alguma organização ou autoridade local envolvida?
- Quais são as maiores lições que você e sua família tiraram dessa tragédia?
- Como a experiência do deslizamento de terra afetou a sua visão de segurança e a sua relação com a natureza?
- Você ou sua família receberam algum tipo de apoio psicológico ou assistência para lidar com o trauma?
- Como vocês estão reconstruindo suas vidas após essa tragédia? Quais são seus planos para o futuro?

Eduardo Rodrigues

- Como era a sua vida antes do deslizamento de terra? Você poderia descrever seu trabalho na área de internet e sua contribuição para a hamburgueria de seus pais?
- Como sua mãe, Maria Helena, reagiu quando percebeu a gravidade do deslizamento? Como vocês decidiram agir?
- O que aconteceu com a sua casa e a hamburgueria de seus pais após o deslizamento de terra? Como vocês lidaram com essa situação?
- Como a tragédia afetou sua capacidade de manter seu trabalho na área de internet? Você perdeu seu sustento devido a isso?
- Quais foram os maiores desafios que você enfrentou após o deslizamento? Como você e sua família lidaram com as dificuldades econômicas e emocionais?
- Houve alguma assistência ou apoio da comunidade local ou de autoridades após o desastre? Como isso ajudou vocês?
- Como a experiência do deslizamento de terra afetou sua perspectiva de vida e suas prioridades? Isso mudou seus planos para o futuro?
- Você ou sua família procuraram apoio psicológico para lidar com o trauma da tragédia?
- Como estão as coisas agora, em agosto de 2023? Vocês conseguiram começar a reconstruir suas vidas e recuperar alguma parte do que perderam?
- Você tem alguma mensagem ou lição que gostaria de compartilhar com outros que passaram por situações semelhantes?

Hellena de Jesus

- Helena, como era a experiência de viver na Rua São Carlos antes do deslizamento de terra? Poderia nos dar uma ideia de como era a vida na comunidade?
- Você pode compartilhar sua lembrança do dia do deslizamento de terra? Como você reagiu e o que aconteceu durante aquele dia?
- Sua atitude solidária e generosa no dia do deslizamento é notável. Como você decidiu agir e ajudar as pessoas que estavam em busca de assistência? Poderia compartilhar algumas das histórias mais comoventes daquele dia?
- Como a tragédia afetou a comunidade local? As pessoas ainda enfrentam desafios e preocupações de segurança?
- Muitos moradores deixaram a Rua São Carlos após o deslizamento. Você pode compartilhar sua razão para continuar a residir no local? Quais são seus medos e preocupações contínuos?

- Como a comunidade se uniu para enfrentar os desafios pós-deslizamento? Houve alguma ação coletiva para melhorar a segurança e as condições de vida na área?
 - Como você vê o futuro da Rua São Carlos? Existem planos ou iniciativas para garantir que eventos semelhantes não ocorram novamente?
 - Você ou outros moradores receberam assistência ou apoio do governo ou de organizações após o desastre?
 - Como a experiência do deslizamento de terra afetou sua visão da solidariedade e empatia dentro da comunidade?
 - Que mensagem ou lição você acredita que a sua história e a da comunidade da Rua São Carlos podem oferecer a outras pessoas que enfrentaram ou estão enfrentando tragédias similares?
- ESPECIALISTAS

Marcello Fischer

- Você pode compartilhar uma visão geral sobre os desafios associados ao mapeamento de áreas de risco, especialmente em locais como Franco da Rocha?
- Que métodos e tecnologias são geralmente utilizados para identificar áreas de risco de deslizamento de terra? Qual é a importância do mapeamento preciso nesse contexto?
- Você poderia nos explicar como é feita a avaliação de cenários de risco em áreas urbanas? Quais são os principais fatores considerados nesse processo?
- Com base em sua experiência, quais são as principais causas e desencadeadores de deslizamentos de terra em regiões como Franco da Rocha?
- Quais são as estratégias de mitigação e prevenção de deslizamentos de terra que têm se mostrado eficazes? E como essas estratégias podem ser implementadas em comunidades urbanas?
- Como você descreveria a importância da capacitação de equipes e da preparação para atendimentos emergenciais em situações de deslizamento de terra?
- Em sua opinião, quais são os principais desafios que as autoridades e comunidades enfrentam ao lidar com a prevenção de deslizamentos de terra e o gerenciamento de riscos em áreas urbanas?
- Você já teve experiência prática em situações de desastres ou atendimentos emergenciais relacionados a deslizamentos de terra? Se sim, poderia compartilhar alguma experiência marcante?
- Quais são as lições mais importantes que você acredita que Franco da Rocha e outras

comunidades em áreas de risco podem aprender com o trabalho de mitigação e prevenção?

- Que conselhos ou recomendações você daria para as comunidades e autoridades locais que estão lidando com a ameaça de deslizamentos de terra?

Rogério Vallejo

- Rogério, como psicólogo, você poderia nos falar sobre o impacto psicológico comum que as vítimas de deslizamentos de terra podem experimentar? Quais são algumas das reações emocionais típicas?
- Como as comunidades afetadas por desastres naturais, como deslizamentos de terra, geralmente lidam com o trauma e o estresse que resultam desses eventos?
- Pode compartilhar exemplos de histórias ou casos que ilustrem o impacto psicológico duradouro de deslizamentos de terra em indivíduos e comunidades?
- Quais são os principais desafios que as pessoas enfrentam quando tentam se recuperar emocionalmente após um desastre natural?
- Em sua experiência, quais estratégias de apoio psicossocial e intervenções são mais eficazes para ajudar as vítimas a lidar com o trauma e iniciar o processo de recuperação?
- Como o suporte psicológico pode ser integrado de maneira eficaz nos esforços de resposta a desastres e na reconstrução das comunidades afetadas?
- Existem diferenças culturais ou contextuais que afetam a forma como as vítimas de deslizamentos de terra respondem emocionalmente e buscam apoio?
- Como os resultados de suas pesquisas e experiências práticas podem influenciar políticas públicas, programas de apoio e medidas de prevenção em relação a deslizamentos de terra? Quais são as implicações para o bem-estar mental das pessoas afetadas?
- Em sua opinião, qual é o papel da conscientização pública e da educação em relação à saúde mental e ao apoio psicossocial nas comunidades vulneráveis a deslizamentos de terra?
- Que mensagem você gostaria de transmitir às pessoas e às autoridades que buscam uma compreensão mais abrangente do impacto psicológico dos deslizamentos de terra?
- Como um profissional de comunicação deve chegar em um momento assim?

● **FONTES OFICIAIS**

Eduardo Martins

- Eduardo, poderia explicar o papel do Departamento de Licenciamento e Planejamento Urbano na gestão de áreas suscetíveis a deslizamentos de terra em São Paulo?
- Quais políticas públicas e regulamentos são atualmente implementados para prevenir

deslizamentos de terra e garantir o desenvolvimento urbano seguro em áreas de risco?

- Como a revisão e aprovação de projetos de construção e uso do solo consideram as preocupações relacionadas à prevenção de deslizamentos de terra?
- Quais são os principais desafios enfrentados pelo governo municipal ao lidar com o planejamento urbano em áreas suscetíveis a deslizamentos?
- Em sua opinião, como o planejamento urbano pode equilibrar o desenvolvimento da cidade com a prevenção de desastres naturais?
- Qual é a importância da conscientização pública e da educação em relação ao desenvolvimento urbano responsável e à prevenção de deslizamentos de terra?
- Você poderia compartilhar exemplos de projetos ou iniciativas bem-sucedidos que tenham contribuído para a redução do risco de deslizamentos de terra em São Paulo?
- Quais são as perspectivas para o futuro em termos de planejamento urbano e licenciamento em áreas de risco? Existem planos para melhorar a resiliência da cidade a deslizamentos de terra?
- Como o governo municipal trabalha em conjunto com outros órgãos e comunidades para abordar os desafios relacionados a deslizamentos de terra?
- Que mensagem você gostaria de transmitir às autoridades locais, aos planejadores urbanos e à população em geral sobre a importância do planejamento urbano seguro em áreas suscetíveis a deslizamentos de terra?

Marcos Brandino

- Qual é o papel da administração pública local, e mais especificamente do Gabinete do Prefeito, na resposta a desastres naturais, como deslizamentos de terra?
- Como a prefeitura coordena os esforços de diferentes departamentos e agências em situações de emergência, como deslizamentos de terra?
- Pode compartilhar exemplos de desafios específicos que a administração pública enfrenta ao lidar com desastres naturais e na assistência às vítimas?
- Qual é a importância da prontidão e do planejamento prévio para lidar com situações de desastre? Que medidas a prefeitura tem tomado nesse sentido?
- Quais são as principais estratégias e recursos disponíveis para atender às necessidades imediatas das vítimas de deslizamentos de terra?
- Como a administração pública lida com a comunicação e o envolvimento da comunidade durante e após um desastre natural?
- Quais são os papéis e responsabilidades específicos do Gabinete do Prefeito no apoio às vítimas e na coordenação da resposta a deslizamentos de terra?

- Em sua opinião, quais são os maiores desafios em termos de recuperação e reconstrução após um deslizamento de terra? Como a prefeitura aborda esses desafios?
- Você pode compartilhar lições aprendidas com experiências passadas de desastres naturais que ajudaram a melhorar a capacidade de resposta e assistência da prefeitura?
- Que mensagem você gostaria de transmitir aos cidadãos e à comunidade em geral sobre a importância da colaboração com a administração pública durante situações de desastre?

Ana Carolina Alencar

- Qual é o papel da Secretaria de Habitação e Regularização Fundiária no planejamento e desenvolvimento habitacional em áreas de risco, como a Rua São Carlos?
- Quais são os desafios específicos relacionados à habitação e regularização fundiária em comunidades suscetíveis a deslizamentos de terra?
- Pode compartilhar exemplos de ações ou iniciativas que a Secretaria tem implementado para melhorar a segurança habitacional nessas áreas?
- Como a Secretaria aborda a questão da regularização fundiária em comunidades vulneráveis a deslizamentos de terra?
- Qual é a importância da conscientização pública e da educação sobre questões de habitação segura e regularização fundiária em áreas de risco?
- Como a Secretaria trabalha em colaboração com outras autoridades e agências para abordar os desafios de habitação e regularização fundiária em áreas suscetíveis a deslizamentos?
- Quais são os principais obstáculos ou limitações enfrentados na busca por soluções de habitação segura nessas comunidades?
- Quais são as perspectivas para o futuro em termos de melhorias na habitação e regularização fundiária em áreas de risco? Existem planos ou iniciativas em andamento?
- Você pode compartilhar lições aprendidas com experiências anteriores relacionadas à habitação e regularização fundiária em áreas de risco?
- Que mensagem você gostaria de transmitir aos moradores das comunidades afetadas e às autoridades que buscam melhorar as condições habitacionais e de regularização fundiária em áreas suscetíveis a deslizamentos de terra?

Francisco Queiroz

- Como Diretor de Defesa Civil de Franco da Rocha, qual é o papel e a responsabilidade de sua equipe ao lidar com situações de risco, como deslizamentos de terra?
- Pode compartilhar exemplos de desafios específicos que a Defesa Civil enfrenta ao lidar com desastres naturais, como o ocorrido na Rua São Carlos?
- Como a Defesa Civil coordena esforços com outras agências e autoridades locais para

garantir uma resposta eficaz a deslizamentos de terra?

- Quais são as principais medidas de prevenção que a Defesa Civil implementa para reduzir o risco de deslizamentos em áreas suscetíveis?
- Como a Defesa Civil lida com a comunicação de risco e o envolvimento da comunidade durante situações de desastre?
- Pode compartilhar exemplos de ações de resposta bem-sucedidas em casos de deslizamentos de terra e como essas ações ajudaram a comunidade afetada?
- Quais são os recursos disponíveis para atender às necessidades imediatas das vítimas de deslizamentos de terra?
- Como a Defesa Civil trabalha para conscientizar a população sobre medidas de segurança e preparação para desastres naturais?
- Quais são as principais lições aprendidas com experiências passadas de desastres naturais que influenciaram as políticas e estratégias de resposta e prevenção?
- Que mensagem você gostaria de transmitir aos moradores de Franco da Rocha e às autoridades locais sobre a importância da preparação, resposta e prevenção de deslizamentos de terra?

OBSERVAÇÃO: Ordem e enfoque das questões sofreram alterações de acordo com a especialidade e profissionalização.

APÊNDICE B - MODELO DO TERMO DE RESPONSABILIDADE

CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS

Franco da Rocha, 26 de agosto de 2023.

Eu, _____, portador da cédula de identidade _____ (SSP-___), declaro, para os devidos fins, que cedo os direitos de minha imagem e entrevista, dada em ___ de _____ de _____, a(o) estudante _____, para ser usada integralmente ou em parte, sem restrições de prazos e citações, desde a presente data. Da mesma forma, autorizo a terceiros a sua audição e o uso do texto final que está sob a guarda de _____, estudante do ___ ano do curso de Jornalismo da Unifaccamp.

Abdicando de meus direitos e de meus descendentes, subscrevo a presente.

Assinatura:

RG:

APÊNDICE C - CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS

CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS

Franco da Rocha, 26 de agosto de 2023.

Eu, Jose Rodryns,
portador da cédula de identidade 14627568 (SSP-SP), declaro, para os
devidos fins, que cedo os direitos de minha imagem e entrevista, dada em 26
AGOSTO de 2023, a(o) estudante
Rhacianole Beatriz de Lima Marinho,
para ser usada integralmente ou em parte, sem restrições de prazos e citações, desde
a presente data. Da mesma forma, autorizo a terceiros a sua audição e o uso do texto
final que está sob a guarda de
Rhacianole Beatriz de Lima Marinho, estudante
do 4º ano do curso de Jornalismo da Unifaccamp.

Abdicando de meus direitos e de meus descendentes, subscrevo a presente.

Assinatura: Jose Rodryns
RG: 14627568

CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS

Franco da Rocha, 29 de agosto de 2023.

Eu, Samarinho Zaenias,
portador da cédula de identidade 40.548.945-0 (SSP-SP), declaro, para os
devidos fins, que cedo os direitos de minha imagem e entrevista, dada em 29 de
Agosto de 2023, a(o) estudante
Khanomida Beatriz de Lima Mariano,
para ser usada integralmente ou em parte, sem restrições de prazos e citações, desde
a presente data. Da mesma forma, autorizo a terceiros a sua audição e o uso do texto
final que está sob a guarda de
Khanomida Beatriz de Lima Mariano, estudante
do 4º ano do curso de Jornalismo da Unifaccamp.

Abdicando de meus direitos e de meus descendentes, subscrevo a presente.

Assinatura: Samarinho Zaenias
RG: 40.548.945-0.

CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS

Franco da Rocha, 29 de agosto de 2023.

Eu, Delvina Bonfim Lima,
portador da cédula de identidade 33.109.214-1 (SSP-SP), declaro, para os
devidos fins, que cedo os direitos de minha imagem e entrevista, dada em 02 de
Setembro de 2023, a(o) estudante
Khamanda Beatriz Cole Lima Mariano,
para ser usada integralmente ou em parte, sem restrições de prazos e citações, desde a
presente data. Da mesma forma, autorizo a terceiros a sua audição e o uso do texto final
que está sob a guarda de
Khamanda Beatriz Cole Lima Mariano, estudante
do 4^o ano do curso de Jornalismo da Unifaccamp.

Abdicando de meus direitos e de meus descendentes, subscrevo a presente.

Assinatura: [Assinatura]

RG: 33.109.214-1

CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS

Franco da Rocha, 26 de agosto de 2023.

Eu, Eliane de Oliveira Silva,
portador da cédula de identidade 25410711-4 (SSP-SP), declaro, para os
devidos fins, que cedo os direitos de minha imagem e entrevista, dada em 05 de
Setembro de 2023, a(o) estudante
Khananda Beatriz de Lencastre Mariano,
para ser usada integralmente ou em parte, sem restrições de prazos e citações, desde
a presente data. Da mesma forma, autorizo a terceiros a sua audição e o uso do texto
final que está sob a guarda de
Khananda Beatriz de Lencastre Mariano, estudante
do 4º ano do curso de Jornalismo da Unifaccamp.

Abdicando de meus direitos e de meus descendentes, subscrevo a presente.

Assinatura: Eliane de Oliveira Silva
RG: 25410711-4.

CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS

Franco da Rocha, 26 de agosto de 2023.

Eu, ANA CAROLINA AGENCAR NUNES,
portador da cédula de identidade 21 902 092-9 (SSP-SP), declaro, para os
devidos fins, que cedo os direitos de minha imagem e entrevista, dada em 05 de
SETEMBRO de 2023, a(o) estudante
Khananda Beatriz de Lima Mariano,
para ser usada integralmente ou em parte, sem restrições de prazos e citações, desde
a presente data. Da mesma forma, autorizo a terceiros a sua audição e o uso do texto
final que está sob a guarda de
Khananda Beatriz de Lima Mariano, estudante
do 1º ano do curso de Jornalismo da Unifaccamp.

Abdicando de meus direitos e de meus descendentes, subscrevo a presente.

Assinatura:

RG: 21 902 092-9

CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS

Franco da Rocha, 26 de agosto de 2023.

Eu, Márcia Helena Fernandes de Macedo Rodrigues
portador da cédula de identidade 23.927.262-6 (SSP-SP), declaro, para os
devidos fins, que cedo os direitos de minha imagem e entrevista, dada em 26 de
AGOSTO de 2023, a(o) estudante
Alamanda Beatriz de Lima Mariano,
para ser usada integralmente ou em parte, sem restrições de prazos e citações, desde
a presente data. Da mesma forma, autorizo a terceiros a sua audição e o uso do texto
final que está sob a guarda de
Alamanda Beatriz de Lima Mariano, estudante
do 4º ano do curso de Jornalismo da Unifaccamp.

Abdicando de meus direitos e de meus descendentes, subscrevo a presente.

Assinatura: Márcia H. F. Macedo Rodrigues
RG: 23.927.262-6

CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS

Franco da Rocha, 29 de agosto de 2023.

Eu, Franusco Antonio de Assis,
portador da cédula de identidade 22005542-7 (SSP-SP), declaro, para os
devidos fins, que cedo os direitos de minha imagem e entrevista, dada em 29 de
Agosto de 2023, a(o) estudante
Rhuanara Beatriz de Souza Mariano,
para ser usada integralmente ou em parte, sem restrições de prazos e citações, desde
a presente data. Da mesma forma, autorizo a terceiros a sua audição e o uso do texto
final que está sob a guarda de
Rhuanara Beatriz de Souza Mariano, estudante
do 4º ano do curso de Jornalismo da Unifaccamp.

Abdicando de meus direitos e de meus descendentes, subscrevo a presente.

Assinatura:

RG: 22005542-7.

CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS

Franco da Rocha, 26 de agosto de 2023.

Eu, Marcus Brandino Celeghim Cole Marcus,
portador da cédula de identidade _____ (SSP-____), declaro, para os
devidos fins, que cedo os direitos de minha imagem e entrevista, dada em 13 de
setembro de 2023, a(o) estudante
Rhyanneida Beatriz Cole Lima Mourão,
para ser usada integralmente ou em parte, sem restrições de prazos e citações, desde
a presente data. Da mesma forma, autorizo a terceiros a sua audição e o uso do texto
final que está sob a guarda de
Rhyanneida Beatriz Cole Lima Mourão, estudante
do 1 ano do curso de Jornalismo da Unifaccamp.

Abdicando de meus direitos e de meus descendentes, subscrevo a presente.

Assinatura:

RG:


Marcus Brandino Celeghim de Mouris
Secretário Executivo do
Gabinete do Prefeito

CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS

Franco da Rocha, 26 de agosto de 2023.

Eu, ROGERIO HENRIQUE DE AQUINO,
portador da cédula de identidade 34.575.571-6 (SSP-SP), declaro, para os
devidos fins, que cedo os direitos de minha imagem e entrevista, dada em 11 de
Setembro de 2023, a(o) estudante
KHANANDA BEATRIZ DE LIMA MARIANO,
para ser usada integralmente ou em parte, sem restrições de prazos e citações, desde
a presente data. Da mesma forma, autorizo a terceiros a sua audição e o uso do texto
final que está sob a guarda de
KHANANDA BEATRIZ DE LIMA MARIANO, estudante
do 4º ano do curso de Jornalismo da Unifaccamp.

Abdicando de meus direitos e de meus descendentes, subscrevo a presente.

Assinatura: 

RG: 34.575.571-6

CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS

Franco da Rocha, 26 de agosto de 2023.

Eu, Edenara de Jesus Rocha Alves,
portador da cédula de identidade 220765807 (SSP-SP), declaro, para os
devidos fins, que cedo os direitos de minha imagem e entrevista, dada em 09 de
setembro de 2023, a(o) estudante
Khananda Beatriz de Lima Mariano,
para ser usada integralmente ou em parte, sem restrições de prazos e citações, desde
a presente data. Da mesma forma, autorizo a terceiros a sua audição e o uso do texto
final que está sob a guarda de
Khananda Beatriz de Lima Mariano, estudante
do 4º ano do curso de Jornalismo da Unifaccamp.

Abdicando de meus direitos e de meus descendentes, subscrevo a presente.

Assinatura:
RG:

Edenara Jesus Rocha Alves 220765807

KHANANDA BEATRIZ



A CIDADE DORMITÓRIO QUE

ACORDOU SOB ESCOMBROS

Franco da Rocha e o deslizamento da Rua São Carlos

Foto de: Khananda Beatriz

A cidade dormitório que acordou sob escombros



Khananda Beatriz

A CIDADE DORMITÓRIO QUE
**ACORDOU SOB
ESCOMBROS**

Franco da Rocha e o deslizamento da Rua São Carlos

Livro-reportagem apresentado como exigência final para a
obtenção do título de bacharel em Jornalismo na Unifaccamp

Autora

Khananda Beatriz

Diagramação

Khananda Beatriz

Capa

Khananda Beatriz

Leonardo Feitosa

“Uma nova cidade vai nascer dentro da centenária Franco da Rocha. Sem o estigma de “Lugar de Loucos”, livre dos problemas de enchentes e deslizamentos de terra” - O Estado de São Paulo, 23 de junho de 1985

Sumário

Prefácio.....	10
I.O dia da tragédia.....	13
II. Fatores que influenciaram no acidente.....	27
III A dor de Delvina Bonfim.....	33
IV.As moradias irregulares.....	37
V.O medo e as atitudes precipitadas.....	49
VI.Esperança e incerteza.....	59
Agradecimentos.....	65
Fotos.....	66
Referências.....	68

Prefácio

Prefiro solo firme do que ficar à deriva

Nas próximas páginas, adentramos a narrativa sensível e impactante de um momento crucial na história de Franco da Rocha, um relato marcado pela tragédia e pela resiliência de uma comunidade. Este livro-reportagem, escrito por uma abordagem jornalística, busca dar voz aos acontecimentos e circunstâncias que envolveram o deslizamento de terra na Rua São Carlos, no Parque Paulista, na manhã do dia 30 de janeiro de 2022.

A escolha deste tema não é apenas uma decisão editorial, mas uma resposta à necessidade de registrar e compreender as profundas transformações que impactaram a vida de dezoito famílias e desabrigaram setenta lares, deixando cicatrizes indeléveis na comunidade local.

Ao folhear estas páginas, convido você a se conectar com a trajetória que se desenrola, não apenas como observador distante, mas como participante ativo na reflexão sobre a importância da segurança em áreas de risco e do planejamento urbano responsável. A tragédia na Rua São Carlos, infelizmente, não é um evento isolado; ela está entre experiências similares ao redor do mundo, lembrando-nos da vulnerabilidade diante dos caprichos da natureza.

Ao incorporar elementos artísticos e figurativos da linguagem, o livro busca não apenas informar, mas também envolver o leitor, permitindo que

ele visualize os eventos de maneira mais profunda e significativa. A abordagem envolve métodos que vão além do convencional, reunindo não apenas informações teóricas, mas também depoimentos cruciais das vítimas e especialistas.

Contudo, este livro-reportagem transcende a mera documentação dos fatos; ele é um testemunho da revolta silenciosa que ecoa em Franco da Rocha. Desde a infância, compreendo a angústia de enfrentar enchentes, as dificuldades de se locomover em meio a climas adversos e a revolta de ser constantemente lembrado de que "é preciso sair de barco" de sua própria casa.

Esta obra é, portanto, mais do que um relato; é um apelo à reflexão sobre a necessidade de ações preventivas e de um planejamento urbano que respeite a dignidade daqueles que enfrentam a incerteza a cada temporada de chuvas, mas também é um ensinamento aos que enfrentam essa incerteza, pois há perigo em todos os lugares. Que estas páginas sirvam não apenas como uma crônica, mas como um catalisador para mudanças positivas em prol de comunidades como a de Franco da Rocha.

I. O dia da tragédia

Linha 7- Rubi da Companhia Paulista de Trens Metropolitanos (CPTM). Todos os dias o trem segue o mesmo percurso, partindo da estação Jundiaí e chegando à cidade de Rio Grande da Serra. São cerca de duas horas de viagem da primeira à última estação. Algumas pessoas podem considerar esse trajeto longo, enquanto outras não, principalmente aquelas que dependem desse meio de transporte diariamente para chegar ao trabalho. No entanto, o que não se pode negar é que durante o trajeto, a paisagem da região metropolitana de São Paulo se altera de estação em estação.

Ao chegar na cidade de Perus, por exemplo, é possível observar uma grande pedreira, conhecida também como Pedreira do Dib¹, que foi utilizada por anos na extração de granito, usado em algumas construções

de São Paulo. Além disso, a pedreira ganhou notoriedade devido a um episódio sombrio, em que corpos de vítimas da ditadura militar brasileira foram despejados lá, tornando-se um símbolo da luta por justiça, entrando na memória histórica no Brasil.

Próxima à estação de Perus, chegamos à cidade de Caieiras, onde, a partir de 2020, pôde-se observar da janela do trem um grande e arborizado Ecoparque, local que possui mais de 50 mil metros quadrados. "Olha o pedalinho", dizem as crianças aos pais enquanto viajam. Alguns adultos também fazem uma observação importante de que antes do espaço se tornar um parque, ali se encontrava um mangue, o que não era muito agradável de se observar.

Ao chegar à cidade de Franco da Rocha, apelidada também como a "Cidade dos Loucos"², são visíveis arquiteturas mais antigas, elaboradas por Ramos de Azevedo, prédios utilizados há anos com um único propósito: a internação psiquiátrica dos antigos pacientes do Juquery. Em torno desses prédios, também existe uma área arborizada e tranquila que, ironicamente, ou não, se contrasta com a história local. Essa paisagem não se restringe apenas aos arredores dos prédios, mas sim, em torno de toda a cidade, que cresceu e se desenvolveu entre rios, vales estreitos e morros, pertencentes à Bacia do Juquery.

Um pouco antes do trem chegar à Cidade de Francisco Morato, existe uma estação mais "recente", também localizada em Franco da Rocha, claro, não tão recente assim, por ter sido inaugurada no ano de 1975, mas ainda sim considerada a mais nova perto das outras, principalmente para quem têm entre os seus 50 à 65 anos de idade. Baltazar Fidélis, é o nome dela, conhecida pelos moradores da região também como "Paradinha", nome que ganhou notoriedade, pois nas décadas de 1970 e 80, os antigos trens de Santos a Jundiaí paravam por ali

¹A Pedreira do Dib fica na Serra da Cantareira, a maior floresta urbana do mundo.

²Hospital Psiquiátrico do Juqueri foi uma das mais antigas e maiores colônias psiquiátricas do Brasil.

em alguns horários, e também por não existirem plataformas em toda extensão da via. A estação, como todas as outras citadas, não poderia ficar de fora da lista de paisagens históricas. Apesar de estar dentro de uma região cercada pela natureza, desta vez, o que se enxerga do local são aglomerações de moradias, superlotação de pessoas no mesmo espaço, casas precárias, com telhados danificados e paredes rachadas, além de sistemas elétricos e hidráulicos inadequados.

De janeiro de 2022 para cá, após a região de Franco da Rocha ter registrado 115 milímetros em 72h, mais uma nova paisagem surgiu para se observar das janelas do trem na estação Baltazar Fidélis, um novo espaço que não é considerado nada engraçado, onde não há mais teto, e não há mais nada, apenas um muro cinza, com aproximadamente 180 metros lineares, e que carrega consigo a história de uma tragédia que tirou a vida de 18 pessoas, tragédia que aconteceu na manhã de domingo, do dia 30 de janeiro de 2022, um trágico e doloroso deslizamento de terra, a tragédia da São Carlos, no Parque Paulista.

Naquele dia 30, pela manhã, enquanto os moradores do bairro enfrentavam a súbita inundação em suas casas e o deslizamento, o trem da Linha 7-Rubi seguia seu curso como de costume. A rotina matinal dos passageiros prosseguia, com pessoas ocupadas em seus assentos, algumas mergulhando em suas leituras ou em seus pensamentos, enquanto outras trocavam conversas. O trajeto, que normalmente proporciona uma visão variada da paisagem da região metropolitana, não revelava, à primeira vista, o que estava acontecendo.

Na cidade de Franco da Rocha, mais precisamente na estação Baltazar Fidélis, o trem fazia sua parada habitual. A plataforma era o cenário de entrada e saída de passageiros, como sempre foi ao longo dos anos. Enquanto os passageiros do trem se deslocavam para seus destinos, alheios ao que acontecia nas proximidades, Maria Helena, Delvina Bonfim, José Rodrigues e tantos outros enfrentavam a devastação repentina de suas casas e de suas vidas. O dia, que havia começado com a normalidade da rotina ferroviária, se tornaria uma lembrança sombria da vida e da força da natureza que, de repente, se revelou.





Primeiro muro de contenção da Rua São Carlos (foto: Prefeitura Municipal de Franco da Rocha/ Orlando Junior)

Eram aproximadamente cinco horas da manhã, após passar uma noite de sono tranquila ouvindo o som da chuva, que Maria Helena Fernandes, de 53 anos de idade, ex-moradora da Rua São Carlos, acordou ao sentir que o colchão onde dormia estava encharcado de água. Sem compreender o que estava acontecendo naquela manhã, pois morava em um terreno alto, Maria se levantou e observou sua casa que, segundo ela, tinha recebido uma enxurrada. Eram os quartos com os seus filhos, a cozinha e a sala onde dormia que estavam cheios de água.

Foi neste momento que Maria decidiu acordar seu marido, José Rodrigues, de 61 anos, para informá-lo sobre aquela situação. José, conhecido também na vizinhança como Seu Zézinho, levantou e, ao se assustar com aquela situação, subiu até o terceiro andar de sua casa, onde percebeu que o muro de arrimo que ele havia construído para conter o terreno atrás de sua propriedade tinha desabado. "Eram cinco e pouco da manhã quando eu vi algumas goteiras fortes na minha casa. Isso nunca tinha acontecido, nunca choveu dentro da minha casa. Eu e minha esposa vimos que o último andar estava todo alagado, isso devido à queda do muro de arrimo, aquilo foi terrível", comentou Zézinho.

Segundo o morador, ao perceber a gravidade da situação, ele e sua família não tiveram tempo de pensar e nem pegar nada, então saíram de casa naquela manhã de domingo desesperados apenas com a roupa do próprio corpo. Ao chegarem na rua, esperando ansiosamente que a chuva passasse, e rezando para que a casa não fosse mais afetada, foi quando que, por volta das seis e meia da manhã, junto com sua família, José percebeu que sua residência não era a única em perigo. E foi naquele momento difícil que viu o terreno à sua frente cedendo, arrastando consigo todas as moradias que estavam pelo caminho.

"Estávamos perto do terreno, logo corremos desesperadamente. Postes caíam, pessoas e casas foram abaixo, quase que um fio elétrico caiu em cima da minha filha que estava grávida, foi horrível. Não sobreviveu praticamente ninguém, exceto duas pessoas que moravam próximas a mim. Zeca, Landinho, Anderson, Caio e Diana, nossa... todos se foram."

E aquela manhã de domingo que começaria serena e tranquila

acabou se transformando em um pesadelo, não apenas para Maria Helena, José Rodrigues e seus filhos, mas também para as famílias que perderam seus entes queridos e a casa em que moravam. Devido ao acidente, vários outros problemas foram desencadeados ao longo desta história, além de presenciarem o acidente, hoje em dia, o que se nota é que para aquelas pessoas, a sua dignidade, confiança e o destemor não são mais a mesma de antes e talvez, isso seja o mais doloroso.

"Estávamos perto do terreno, logo corremos desesperadamente. Postes caíam, pessoas e casas foram abaixo, quase que um fio elétrico caiu em cima da minha filha que estava grávida, foi horrível. Não sobreviveu praticamente ninguém, exceto duas pessoas que moravam próximas a mim. Zeca, Landinho, Anderson, Caio e Diana, nossa... todos se foram."





Local de deslizamento pela manhã (foto: Prefeitura Municipal de Franco da Rocha/ Orlando Júnior)

Eram seis horas da manhã, e grande parte da cidade ainda dormia, quando o telefone da Defesa Civil de Franco da Rocha começou a tocar.

Francisco Queiroz (diretor da Defesa Civil): *Alô, bom dia.*

A voz do outro lado da linha, de um munícipe, que segundo o diretor, soava preocupada e trêmula: *Moço, aconteceu um deslizamento de terra aqui na São Carlos, no Parque Paulista. Tem casa caindo e um barranco descendo, precisamos de ajuda aqui pelo amor de Deus!*

Esse era o primeiro sinal de tudo o que estaria por vir naquele dia, um chamado urgente que iniciaria uma série de eventos, que mudariam para sempre a vida da comunidade da São Carlos e que marcaria a história de Franco da Rocha.

Com a urgência, Queiroz e sua equipe saíram às pressas para atender aquele e aos demais chamados que haviam recebido sobre o ocorrido. No entanto, os pontos de alagamentos e riscos em Franco da Rocha naquele dia, complicaram a jornada.

“Primeiro tentamos ir pelo centro, caminho que fazemos normalmente nas vistorias, mas a situação de alagamento na cidade era muito séria, todo o centro estava alagado. Então pegamos a rodovia de Mairiporã para chegarmos até a cidade de Caieiras, que nos levaria até a São Carlos, mas novamente as águas bloquearam o caminho, Caieiras também estava alagada. Então demos a volta e fomos por Francisco Morato”, relembra o diretor da Defesa Civil.

Finalmente, após mais de duas horas de uma jornada, que normalmente levaria 15 minutos em vistorias comuns, isso segundo o diretor, a equipe conseguiu alcançar a área afetada, e o que encontraram foi uma paisagem de destruição.

Moradores desesperados e determinados a ajudar, estavam se unindo para tentar achar os sobreviventes e vítimas soterradas no meio da lama e dos destroços. A Defesa Civil então, juntamente com os moradores, formou uma equipe de resgate, enquanto os bombeiros fizeram o mesmo, criando duas frentes de trabalho.

“Esperava-se que as vítimas ainda estivessem com vida naquele momento. Para retirar a terra e as pedras, utilizamos baldes e as próprias mãos, para que não afetasse ainda mais as pessoas que estavam soterradas”, afirma Queiroz.

Enquanto o trabalho de resgate continuava, Queiroz encontrou uma mulher soterrada, Amanda Sales, de apenas 25 anos de idade, que ainda apresentava sinais de vida. No entanto, apesar dos esforços desesperados, ela não resistiu aos ferimentos após ser retirada do local. A busca continuava, e logo outra vítima foi encontrada, José Bonfim Filho, de 82 anos, mas infelizmente, também já estava sem vida.

A situação era crítica, e os recursos da Defesa Civil e dos Bombeiros estavam sobrecarregados. Foi quando, aproximadamente às dez horas da manhã, chegou ajuda adicional, com mais bombeiros e médicos se juntando à operação de resgate. A Defesa Civil também começou a registrar o número de vítimas para obter uma visão mais clara da magnitude da tragédia. A Defesa Civil do Estado de São Paulo, a assistência social, psicólogos e voluntários também se uniram para fornecer apoio humanitário nos postos locais.

Enquanto isso, a São Carlos do Parque Paulista estava repleta de pessoas que se desdobraram para ajudar o próximo, pessoas comuns que se uniram em um esforço coletivo para enfrentar a tragédia. Uma dessas grandes forças tarefas foi a de Helena de Jesus (53), conhecida carinhosamente como Dona Helena pelos moradores do bairro. No dia do deslizamento, a moradora contou que foi despertada por vozes gritando seu nome, um chamado desesperado que a fez sair de sua casa apressadamente e ao sair, segundo ela, o que encontrou foi um cenário de caos.

“Testemunhei pessoas correndo pela rua, gritando e clamando por ajuda. Estava tudo muito confuso e as pessoas em estado de choque. Foi quando eu olhei lá pro terreno da frente e vi ele caindo”, lembra Dona Helena, entristecida.

A moradora não hesitou em agir, se viu na missão de ajudar seus vizinhos e conterrâneos que estavam sofrendo e em perigo. Com um coração generoso, começou a oferecer assistência imediata. Organizar o resgate das pessoas que quase foram soterradas, ofereceu roupas e abrigo para os necessitados, além de acolher aqueles que estavam traumatizados pela tragédia. Tudo isso em sua própria casa, e em meio à chuva e ao caos, se tornou um farol de solidariedade para sua comunidade.

Delvina Bonfim, ex-moradora da São Carlos e neta do falecido José Bonfim, que terá sua história contada mais pra frente, afirma “Dona Helena foi um anjo enviado por Deus naquele dia”.

Além de acolher as pessoas, em um momento particularmente doloroso e triste, também desempenhou um papel essencial ao ajudar a organizar os corpos das vítimas na sua casa, “Afinal, era importante garantir que eles fossem tratados com respeito e dignidade”.

Dona Helena, é uma das pessoas que ainda reside na Rua São Carlos, e como os outros que preferiram não se identificar, sua esperança é que a renovação da rua possa trazer alguma cura ao coração da comunidade. No entanto, ela também guarda as memórias daquele dia triste e sente falta das pessoas e amigos que foram perdidos. Mesmo após ajudar seus vizinhos de maneira heróica, permanece angustiada pela incerteza sobre sua casa e a comunidade. Ela expressa o medo persistente que sente toda vez que começa a chover, lembrando-a dos perigos que espreitam nas encostas instáveis.

“A chuva pode nos lembrar dos perigos que enfrentamos, mas também nos mostra o poder da solidariedade e da união. Doloroso é, mas juntos, podemos superar qualquer desafio”, concluiu a moradora.

Este medo não é apenas de Dona Helena, mas sim, de muitos outros moradores de Franco da Rocha que moram em terrenos irregulares. Em Franco da Rocha, grande parte dos moradores habita em áreas de risco, suscetíveis a deslizamentos de terra e alagamentos. Segundo a Prefeitura de Franco da Rocha, hoje, quase todos os bairros possuem áreas de risco, e no Plano Municipal de Redução de Riscos (PMRR) do município, entre 62 localidades, seis são consideradas as mais graves.

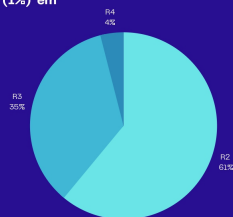
Zonas de Risco em Franco da Rocha

São 229 setores de risco identificados em Franco da Rocha, 141 setores (61%) foram avaliados em situação de Risco Médio (R2), ocupados por 893 moradias (76%);

79 setores (35%) em situação de Risco Alto (R3) ocupados por 270 moradias (23%);

9 setores (4%) com 14 moradias (1%) em situação de Risco Muito Alto (R4).

R2 - Zona de Médio Risco
R3 - Zona de Baixo Risco
R4 - Zona de Risco Negligenciável (ou Zona Segura)



Dentre 62 localidades estudadas em Franco da Rocha, foram identificados 229 setores de risco, nos quais estavam assentadas 1.177 moradias ou edificações com outro uso.



Imagens extraídas do Plano Municipal de Redução de Riscos (PMRR) - 2021

Durante as entrevistas, a Prefeitura citou que existem setores de Risco Alto, mas no Plano Municipal de Redução de Riscos (PMRR) não foi publicado

II. Fatores que influenciaram no acidente

Dentre o cenário difícil do acidente, uma característica peculiar se destacava: a própria Rua São Carlos. Mais do que uma simples via, era, de certa forma, um talude particular, mas que já estava sob comando da Prefeitura. No local, havia uma topografia única, de encostas inclinadas que montava à rua. Era um lugar onde a natureza e a vida urbana se entrelaçavam, mas que no entanto, existiam desafios e perigos que a comunidade jamais imaginaria que teria que enfrentar. Franco da Rocha, a cidade, que cresceu e se desenvolveu em torno do desativado Complexo Hospitalar do Juquery, hoje, exhibe sua geografia de morros e vales, como cicatrizes da sua rica história. A cidade é muito mais do que uma mera extensão da capital paulista, é um exemplo de como a natureza e a história

humana podem se fundir para criar uma paisagem. Pois, à medida que o Complexo Hospitalar do Juquery prosperou, uma comunidade cresceu ao seu redor. Os funcionários e suas famílias se estabeleceram nas proximidades, e o município começou a se desenvolver lentamente. O desativamento do complexo, na década de 2000, deu um novo rumo à cidade. O vasto terreno do hospital se transformou em uma oportunidade de ouro para o desenvolvimento urbano.

Franco da Rocha então mostra que levantar de uma cidade não é apenas um processo de construção de edifícios, mas também uma narrativa contínua de transformação e resiliência que as pessoas buscam abrigo e vão se instalando nos locais, por muitas vezes, de maneira irregular. Hoje, a cidade é muito mais do que um subúrbio da metrópole de São Paulo; é um lugar com uma identidade distinta, que conta o seu passado enquanto ele influencia o presente. Cada morro e vale faz parte da constante evolução da cidade, e este fato é crucial para que se entenda o acidente.

Além das moradias irregulares que são sempre apontadas como as causas principais para tragédias deste tipo, pode-se afirmar que diversos fatores influenciaram a queda do talude naquele fatídico dia, e um desses elementos cruciais estava relacionado à quantidade excepcional de milímetros de água que Franco da Rocha já vinha recebendo nas últimas semanas. Em 2022, o Instituto de Pesquisas Tecnológicas do Estado de São Paulo (IPT) mergulhou profundamente nesses acontecimentos climáticos, elaborando uma nota técnica que lançou luz sobre os eventos que antecederam a tragédia no Parque Paulista.

De acordo com o IPT, o panorama das chuvas na Região Metropolitana de São Paulo indicava que, para o mês de janeiro, Franco da Rocha deveria registrar uma média de 220 milímetros de chuva. Contudo, algo notável ocorreu entre os dias 26 e 30 daquele mês. Um sistema de baixa pressão, que se combinou com uma frente fria proveniente do litoral paulista, canalizou a umidade da região amazônica para a área metropolitana.

O resultado foi impressionante: em apenas cinco dias, o acumulado de chuva em Franco da Rocha ultrapassou os 400 milímetros, quase o dobro

da média mensal de chuvas esperada para a cidade. Essa mudança no cenário meteorológico preparou o terreno para a tragédia que viria a seguir. No dia 30 de janeiro, exatamente quando o deslizamento de terra ocorreu na rua São Carlos, no Parque Paulista, Franco da Rocha enfrentou uma carga adicional de água. Nesse dia, o município testemunhou um acúmulo superior a 100 milímetros de chuva, o que representa entre 50% e 60% do total de precipitação esperado para o mês inteiro.

A nota técnica do IPT também explicou sobre o conceito de "Período de Recorrência ou de Retorno", que descreve o intervalo médio, em anos, que um evento climático similar pode ser esperado para acontecer novamente. Nesse contexto, Franco da Rocha se destacou de maneira sombria, liderando o ranking entre dez municípios analisados, com um período de retorno de 154 anos. Isso significava que a cidade havia enfrentado um evento climático classificado como extremo.

Eventos climáticos extremos, como esse, são categorizados quando o período de recorrência ultrapassa os 100 anos, representando o pior estágio na tabela de riscos. Suas consequências são assustadoras, incluindo obras de grande porte, deslizamentos de encostas inteiras, deslocamentos de rochas, corridas de massa e, o que é mais perturbador, risco excepcional à vida humana.

A tragédia que se desenrolou na rua São Carlos, no Parque Paulista, não era apenas o resultado de um único evento, mas a convergência de fatores. Franco da Rocha estava em uma batalha com uma força da natureza que só poderia ser descrita como extraordinária, um lembrete vívido da complexidade do nosso planeta e da necessidade de estarmos preparados para enfrentar os desafios climáticos.

São Carlos estava em um local de risco e as autoridades sabiam

Segundo a Secretaria Nacional de Proteção e Defesa Civil de Franco da Rocha, para entender melhor o papel crucial desempenhado por eles durante os eventos que marcaram a história de São Carlos, é importante compartilhar as valiosas informações e reflexões fornecidas sobre os

morros que perpetuam a cidade. A primeira é que o talude da São Carlos já sofria infiltrações, e com o alto volume de água no dia, não aguentou. Mas de acordo com o diretor Queiroz, não havia notificações recentes sobre o local e isso não o tornava uma zona séria de risco, estava classificado como R2, local de risco moderado.

Apesar de saberem que era uma zona de risco segundo o diretor, com as palavras dele, “O local possui mais risco se há diversas notificações e não recebíamos nada vindo de lá”. A segunda informação importante, também compartilhada por Queiroz, é que mesmo que a cidade receba assistência, não há como sanar os problemas de deslizamento, pois devido à sua história de ocupações irregulares e deslocamento natural do solo, sempre haverá problemas assim, logo uma das ações importantes desenvolvidas pela Prefeitura são as de desocupação emergenciais de moradias comprometidas.

“Existem vários casos em que a comunidade subestimou os perigos. Muitas vezes, após pequenos deslizamentos de terra, os moradores acreditavam que tudo estava bem, quando na verdade isso era um indicador de que algo pior poderia acontecer. Um exemplo recente na rua da Biquinha, que ilustrou o perigo de ignorar os sinais. No ano anterior, uma casa foi interditada devido a deslizamentos. No entanto, a moradora decidiu prosseguir com a construção de um muro de arrimo sem os devidos técnicos responsáveis. O resultado foi um deslizamento grave que poderia ter sido fatal”, comenta o diretor.

Mesmo com o acidente, a Defesa Civil ressalta a importância de conscientizar a comunidade sobre os riscos, mesmo quando não são evidentes. Eles mencionaram a necessidade de que os moradores compreendam que não podem se adaptar a certos condicionantes de risco, e que devem chamar a Defesa Civil para avaliar e mitigar esses riscos.

Além disso, explicou como eles traçam um histórico das ocorrências em cada local, buscando entender por que os eventos ocorrem e como as condições mudaram ao longo do tempo. “Em um exemplo notável, na “Vilinha” localizada no centro da cidade, uma enchente surpreendeu a comunidade em 2022. A água veio de uma direção inesperada, e a Defesa

Civil investigou o motivo. Descobriram uma tubulação esquecida da Sabesp que a água encontrou e seguiu seu caminho, demonstrando que nem todos os riscos estão ligados à natureza”, afirma Queiroz.

Ele também enfatizou que o Plano Municipal de Redução de Riscos (PMRR), de 2019 que desempenha um papel importante, delineando as obras necessárias e os recursos necessários para mitigar os riscos. No entanto, a obtenção de recursos financeiros para retirar as pessoas de locais de risco é um desafio constante na cidade. "Precisamos de auxílio do Estado e da Federação, pois o município não tem recursos suficientes para cobrir todos os custos. O PMRR é um guia valioso, mas também dependemos de financiamento externo para implementar as medidas necessárias".

A tragédia que ocorreu na Rua São Carlos, no Parque Paulista, destacou a necessidade de uma abordagem holística e coordenada para lidar com os desafios urbanos em Franco da Rocha. Embora o acidente tenha sido precipitado por fatores climáticos excepcionais, as lições aprendidas a partir desse evento trágico ecoam além do aspecto climático.

A cidade enfrenta um dilema complexo: como equilibrar o desenvolvimento urbano com a segurança dos residentes em uma área marcada por morros e vales suscetíveis a deslizamentos de terra? A resposta parece residir em uma combinação de medidas preventivas, conscientização da comunidade e apoio financeiro.

A gestão das ocupações irregulares é um desafio persistente em Franco da Rocha, como é o caso em muitas cidades com topografias desafiadoras. O diretor da Defesa Civil ressaltou a importância de não subestimar os perigos e a necessidade de chamar as autoridades para avaliar e mitigar riscos em áreas de ocupação irregular. A conscientização da comunidade é fundamental, e a tragédia na Rua São Carlos serve como um lembrete trágico de que ignorar os sinais de perigo pode ter consequências devastadoras.

Além disso, o Plano Municipal de Redução de Riscos (PMRR) de 2019 desempenha um papel importante na identificação das obras e

recursos necessários para mitigar os riscos em áreas de risco. No entanto, a obtenção de financiamento para implementar essas medidas é um desafio constante. A cidade depende de auxílio do Estado e da Federação, pois os recursos municipais são insuficientes para cobrir todos os custos associados à segurança das áreas vulneráveis. Isso destaca a necessidade de uma cooperação estreita entre os níveis de governo para garantir a segurança da população.

Em última análise, a tragédia em Franco da Rocha serve como um lembrete de que o desenvolvimento urbano e a segurança da comunidade estão interligados. As cidades não podem ignorar a geografia e a história que moldaram suas paisagens. Em vez disso, é necessário adotar uma abordagem abrangente que leve em consideração os riscos naturais e a responsabilidade das autoridades em mitigar esses riscos e proteger seus cidadãos.

III. A dor de Delvina Bonfim

Data: 02 de setembro de 2023

Francisco Morato, São Paulo - Em meio às ruas empoeiradas e casas improvisadas da comunidade São Carlos, se encontra Delvina Bonfim, uma mulher corajosa de 41 anos, cuja vida foi profundamente marcada por uma realidade desafiadora. Delvina passou boa parte de sua vida vivendo na Rua São Carlos, uma área caracterizada por habitações irregulares e risco constante. A história de Delvina é um testemunho das consequências da falta de regulamentação governamental na habitação, que culminaram em uma tragédia que abalou a comunidade.

Uma Manhã Como Qualquer Outra

Delvina, conhecida por sua dedicação e trabalho na estação de Morato da CPTM, pontapé inicial para que essa história seja contada, começou o dia como qualquer outro, igual Maria Helena. Enquanto se preparava para mais um dia de trabalho, o telefone não parava de tocar. Do outro lado da linha, sua tia descrevia com angústia e desespero a situação que estava se desenrolando na São Carlos. Era uma avalanche de lama que avançava pelas ruas da comunidade, soterrando casas e ameaçando a vida de todos que ali residiam.

A mãe de Delvina, ainda morava na São Carlos, e o coração dela apertou ao ouvir o pânico na voz de sua tia e as descrições terríveis do que estava acontecendo. Sem pensar duas vezes, Delvina deixou tudo para trás e correu em direção à comunidade, onde sua mãe ainda estava.

Embora Delvina não fosse mais moradora da São Carlos, a ligação com aquele lugar era inegável. Ela cresceu ali e carregava consigo as memórias de uma infância vivida entre as casas improvisadas e os vizinhos solidários. Sua mãe, que morava com seu irmão Cléber Bonfim, de 37 anos, também permanecia na São Carlos, apesar dos riscos que essa escolha envolvia.

Delvina tentava, desesperadamente, fazer contato com sua mãe, ligando para o telefone dela repetidas vezes, mas sem sucesso. Enquanto buscava desesperadamente por sua mãe, ela se deparou com uma cena de tragédia e caos. Pessoas feridas, casas soterradas, e uma sensação de impotência diante da natureza que rugia sem piedade.

A Busca Desesperada

A busca por sua mãe se tornou uma corrida contra o tempo, enquanto Delvina, em seu uniforme de trabalho, trabalhava incansavelmente para ajudar os que precisavam. A angústia se misturava com a esperança de que sua mãe estivesse segura em algum lugar na comunidade, mas não havia notícias dela. Cada minuto que passava era uma eternidade de angústia para Delvina.

Finalmente, após inúmeras tentativas de ligar e horas de busca incansável, Delvina conseguiu encontrar sua mãe na casa de uma tia. Lágrimas de alívio encheram seus olhos quando a viu a salvo, embora profundamente abalada pela tragédia. Unidas novamente, mãe e filha se abraçaram, reconhecendo a importância de estarem juntas em meio ao caos. No entanto, um peso de tristeza cercava o encontro, pois Delvina sabia que seu irmão, Cleber Bonfim, não estava entre eles. Ele permaneceu na São Carlos e, infelizmente, foi atingido pelas terras, tornando-se mais uma vítima da tragédia que havia se desdobrado diante deles. A alegria de

ter encontrado sua mãe era temperada pela perda dolorosa de seu irmão, uma lembrança constante das duras consequências do deslizamento de terra que assolou a comunidade.

O Preço da Tragédia

A comunidade estava em luto, e Delvina e sua família não foram poupadas da dor. Seu irmão, Cleber Bonfim, com apenas 37 anos de idade, foi uma das vítimas do deslizamento de terra. Junto ao seu primo, Anderson Bonfim, e seu tio, José Carlos, com 82 anos, que também perderam suas vidas naquela terrível manhã. Larissa e Lucas, primos de Delvina, eram outras vítimas da tragédia.

A história de Delvina é um lembrete impactante das consequências da falta de regulamentação e fiscalização na habitação. Ela destaca como a ausência de um planejamento adequado e de supervisão governamental contribuiu para a situação precária de moradia na São Carlos. Delvina ressalta a importância de priorizar a segurança em detrimento do lazer, uma escolha que poderia ter evitado parte da tragédia.

Hoje, enquanto a comunidade São Carlos tenta se recuperar da tragédia, a história de Delvina nos lembra da necessidade de abordar as questões de habitação irregular e segurança de maneira eficaz. Garantir que nenhuma família tenha que enfrentar as condições precárias e arriscadas que marcaram a vida dessa comunidade por tanto tempo deve ser uma prioridade para as autoridades.

A Dor Compartilhada

Delvina Bonfim, agora mais do que nunca, se via como uma voz de sua comunidade. Com a dor da perda de seu irmão ainda pesando em seu coração, ela se uniu aos demais moradores da São Carlos para enfrentar a reconstrução de suas vidas e de suas casas. A tragédia serviu como um catalisador para a mobilização da comunidade em busca de justiça e melhorias nas condições de habitação.

Delvina e outros membros da São Carlos iniciaram um movimento para sensibilizar as autoridades sobre a necessidade urgente de regulamentar as moradias informais, garantindo que nenhum morador tenha que viver sob o constante risco de deslizamentos de terra. Eles organizaram protestos, escreveram cartas e buscaram apoio de organizações não governamentais e da sociedade civil, determinados a transformar a tragédia em uma oportunidade para a mudança.

A Importância da Regulamentação Habitacional

A tragédia na São Carlos ressaltou a importância crítica da regulamentação habitacional e da necessidade de oferecer alternativas seguras para as famílias que vivem em áreas de risco. Delvina argumenta que é fundamental que o governo atue para garantir que as pessoas tenham moradias dignas, que cumpram os padrões de segurança e saneamento.

O caso de sua comunidade também chamou a atenção para a necessidade de investir em infraestrutura e serviços básicos em áreas informais, para que os moradores não se vejam obrigados a enfrentar riscos constantes em busca de um teto sobre suas cabeças. Delvina e seus companheiros de luta insistem que a vida humana deve estar acima de quaisquer outras considerações, e que as autoridades devem agir de maneira decisiva para prevenir futuras tragédias.

O Caminho Para a Mudança

Delvina Bonfim e os moradores da São Carlos sabem que a estrada para a mudança é longa e desafiadora, mas estão determinados a enfrentar essa jornada. Eles continuam a pressionar as autoridades, a conscientizar a população e a buscar apoio para a regulamentação habitacional.

Além disso, eles se esforçam para garantir que as vítimas da tragédia recebam o apoio e a assistência de que necessitam para reconstruir suas vidas. Delvina agora lidera um grupo de apoio emocional na comunidade, ajudando aqueles que ainda sofrem com o trauma da tragédia a superar suas dores juntos.

IV. As moradias irregulares

Delvina Bonfim, sempre chamou de lar uma área de risco localizada no bairro São Carlos, em Franco da Rocha. A comunidade, assim como muitas outras áreas urbanas em todo o Brasil, é marcada pela presença de habitações irregulares, e a história de Delvina é emblemática desse cenário.

Quando Delvina e sua família se mudaram para a comunidade na década de 80, a prefeitura tentou impedir a construção das primeiras habitações, cientes dos riscos que a ocupação irregular poderia trazer. No entanto, o que começou como uma tentativa de conter o crescimento não autorizado das moradias se transformou em uma corrida. A falta de fiscalização e regulamentação governamental abriu espaço para o surgimento rápido e desordenado de casas.

Segundo Delvina, a comunidade era caracterizada por sua velocidade inigualável na construção de residências. Muitas vezes, os moradores iam dormir e, ao acordar, se deparavam com novas casas que pareciam ter brotado durante a noite. As pessoas invadiam terrenos, cavavam, colocavam estacas e declaravam que aquela parte era sua propriedade. Alguns indivíduos iam ainda mais longe, vendendo esses terrenos recém-criados a preços acessíveis, tornando-se, de certo modo, empreendedores informais na área.

Para muitos, a ocupação irregular de terras representava uma oportunidade de ganhar dinheiro em um contexto socioeconômico difícil. Com a falta de opções habitacionais adequadas e acessíveis, a construção e a venda de terrenos improvisados se tornaram uma maneira de sobreviver para algumas famílias. O dinheiro proveniente da venda dessas pequenas parcelas de terra podia ser a diferença entre colocar comida na mesa ou não.

No entanto, a ausência de regulamentação não apenas permitia essa ocupação irregular, mas também contribuía para a precariedade das condições de moradia na comunidade São Carlos. A falta de planejamento urbano adequado, a infraestrutura deficiente e a ausência de serviços básicos, como água potável e saneamento, tornaram-se uma realidade cotidiana para os moradores.

Além disso, a localização da comunidade São Carlos, em uma área de risco, tornou-a vulnerável a desastres naturais, como este em 2022. A ocupação irregular das encostas das colinas tornava as casas suscetíveis a desmoronamentos e inundações, colocando em risco a vida das pessoas que ali viviam.

A história de Delvina Bonfim ilustra um problema generalizado de habitação irregular no Brasil, onde a falta de regulamentação e o déficit habitacional levam as pessoas a ocuparem áreas de risco por necessidade. Para enfrentar essa questão complexa, é necessária uma abordagem abrangente que envolva o governo, as comunidades e as organizações da sociedade civil, a fim de proporcionar moradias dignas e seguras para todos os cidadãos. É fundamental que as políticas habitacionais busquem soluções sustentáveis, garantindo a segurança e o bem-estar das pessoas que vivem em áreas de risco, como a comunidade São Carlos.

Ana Carolina Alencar é Secretária da Secretaria Municipal de Habitação e Regularização Fundiária do município e segundo ela, o PMRR (Plano Municipal de Redução de Riscos) é importante neste caso. A secretária explica que o documento forneceu uma voz de alerta aos moradores de São Carlos do Parque Paulista. Nas áreas classificadas como

Risco 2, Risco 3 ou Risco 4, as famílias foram devidamente informadas sobre os perigos que cercavam suas habitações. O apontamento se difere da informação compartilhada pela Defesa Civil, segundo Ana Carolina, esta conscientização foi essencial para mudar a perspectiva das famílias em relação às condições em que estavam vivendo.

Antes do PMRR, muitas famílias podem não ter percebido o quão vulneráveis estavam a desastres naturais, como deslizamentos de terra ou enchentes. Ana Carolina ressalta que o programa não apenas mapeou essas áreas de risco, mas também as apresentou às famílias afetadas. Isso foi um passo fundamental para que essas comunidades compreendessem a necessidade de realocação para locais mais seguros.

“A conscientização sobre os riscos não se limita apenas a reconhecer a ameaça. É um processo contínuo, no qual as famílias precisam internalizar a importância de se mudar para áreas menos suscetíveis a desastres naturais. Isso envolve não apenas o conhecimento dos riscos, mas também a compreensão de que sua segurança e a de suas famílias dependem da ação”, afirma a secretária.

O PMRR, portanto, não foi apenas um programa de realocação habitacional, mas também um programa de conscientização de riscos. Ele desempenhou um papel fundamental ao destacar a vulnerabilidade das áreas de São Carlos do Parque Paulista e ao motivar as famílias a tomarem medidas para garantir sua própria segurança.

Ao explicar sua abordagem em relação ao Programa Municipal de Regularização Fundiária e Reurbanização (PMRR), destaca a importância de proteger as famílias beneficiárias de São Carlos do Parque Paulista contra as flutuações do mercado imobiliário. Ela ressalta que a garantia de moradia é um direito social do cidadão e não deve ser confundida com relações de mercado ou mercadoria de forma alguma.

Uma das preocupações abordadas foi a ideia de fornecer dinheiro para que as famílias comprassem suas próprias casas. Embora essa abordagem pudesse parecer mais simples do ponto de vista organizacional

para a prefeitura, Ana Carolina e sua equipe compreenderam que ela poderia ter implicações negativas. Ao especificar um valor para a moradia, qualquer casa disponível no mercado poderia potencialmente aumentar seu preço para corresponder a essa quantia, tornando a compra de uma casa mais difícil para as famílias vulneráveis.

Para evitar essa volatilidade de mercado e garantir que as famílias obtenham as melhores condições possíveis, a Prefeitura optou por realizar uma licitação. Nesse processo, as propostas dos construtores seriam avaliadas com base no maior desconto em relação ao preço máximo que a Prefeitura estava disposta a pagar. Isso incentivaria os empreendedores a oferecerem melhores preços e garantiria que as famílias beneficiárias obtivessem as melhores ofertas possíveis.

Ana Carolina também enfatiza que, ao garantir a estabilidade de preços por meio dessa licitação, o programa visa proteger as famílias de vulnerabilidades sociais, como violência doméstica ou instabilidade habitacional. Isso ajuda a garantir que o valor destinado ao auxílio moradia seja realmente aplicado em moradias seguras e adequadas.

Além disso, esclarece que, uma vez que as famílias recebam suas unidades habitacionais, elas têm pleno direito de dispor do imóvel como desejarem. Isso inclui a possibilidade de alugar, vender ou fazer ampliações, desde que cumpram as regulamentações locais e as regras do programa.

A complexidade de conscientizar as famílias sobre os riscos associados às áreas de risco, enfatizando que há uma distância entre simplesmente informar e verdadeiramente conscientizar as pessoas sobre os perigos. Ela ressalta que é comum que as pessoas resistam à ideia de que estão em áreas de risco, muitas vezes acreditando que suas casas são bem construídas e seguras, e que nunca enfrentaram problemas significativos em décadas de residência.

Menciona a dificuldade em convencer as famílias em áreas como Canárias, no bairro Monte Verde, onde a luta principal é convencê-las de

que não é possível realizar obras de contenção para mitigar os riscos. Algumas famílias já aceitaram a realidade, mas outras ainda resistem à ideia de que precisam se realocar para garantir sua segurança.

Ana Carolina também compartilha informações sobre os diferentes aspectos do programa, incluindo o fato de que o projeto atual irá atender a 372 unidades em construção, que beneficiarão 19 áreas de risco diferentes na cidade, incluindo Canárias e Lago Azul. O objetivo central é tirar as famílias dessas áreas de risco e minimizar os danos causados por desastres naturais.

A secretária enfatiza a importância de abordar o problema das áreas de risco com uma perspectiva holística e de longo prazo. Para enfrentar efetivamente os desafios de habitação irregular e vulnerabilidade a desastres naturais, é crucial que o governo municipal trabalhe em colaboração com diversas partes interessadas, incluindo as próprias comunidades afetadas e organizações da sociedade civil. Um esforço conjunto é necessário para garantir que as famílias vivendo em áreas de risco tenham acesso a moradias dignas e seguras.

Além disso, a Secretária destaca a importância de não apenas realocar as famílias para locais mais seguros, mas também de investir em infraestrutura e serviços públicos nessas novas áreas. Isso inclui o acesso a água potável, saneamento básico, eletricidade e transporte adequado.

Garantir que as novas habitações estejam integradas a uma comunidade funcional é fundamental para melhorar a qualidade de vida das famílias deslocadas.

Outro aspecto essencial é o acompanhamento contínuo das famílias realocadas. A transição para uma nova área pode ser desafiadora, e é importante fornecer apoio social, educacional e econômico para ajudar as famílias a se estabelecerem e se adaptarem às novas circunstâncias. A assistência a longo prazo é crucial para garantir que essas famílias possam prosperar em seus novos lares. Ana Carolina Alencar destaca que a abordagem do PMRR visa proteger as famílias beneficiárias de flutuações no mercado imobiliário e garantir que o direito à moradia seja tratado

como um direito social, não como uma mercadoria. Isso reflete um compromisso com a justiça social e a igualdade, garantindo que as famílias mais vulneráveis tenham acesso a moradias seguras e acessíveis, independentemente de seu status socioeconômico.

Das novas moradias

O processo de realocação das famílias afetadas pelo desastre na comunidade São Carlos, em Franco da Rocha, trouxe à tona discussões sobre o Auxílio-Moradia Emergencial (AME) oferecido pela Prefeitura e as expectativas das famílias em relação às novas moradias. Durante entrevista com a Secretária Municipal de Habitação e Regularização Fundiária, Ana Carolina, algumas preocupações vieram à tona.

O ex-morador da São Carlos já citado, Seu Zézinho, expressou sua insatisfação, alegando que o auxílio-moradia oferecido pela Prefeitura é insuficiente para as novas moradias. Essa preocupação não foi um caso isolado, e outros moradores também compartilharam esse sentimento. O valor do auxílio-moradia foi discutido, e Ana Carolina explicou que ele não tem a intenção de compensar o valor de mercado, mas sim de garantir o direito à moradia.

As 70 unidades habitacionais oferecidas pela Prefeitura como parte do projeto de realocação também foram alvo de discussão. Alguns moradores consideraram que essas novas moradias não atendiam plenamente às suas expectativas em relação ao tamanho e ao conforto. No entanto, Ana Carolina enfatizou que a prioridade é garantir moradias dignas e seguras, e não necessariamente compensar o valor de mercado.

É importante ressaltar que o projeto das unidades não envolve a entrega direta de dinheiro às famílias, mas sim a aquisição das unidades pela Prefeitura, em um processo em parceria com o Ministério de Desenvolvimento Regional. O objetivo é fornecer moradias adequadas, assegurando o direito à habitação.

Além disso, a entrevista revelou que o município está investindo em

um levantamento aerofotográfico atualizado, prevendo uma visão mais precisa da cidade. Essa iniciativa é parte de um esforço mais amplo para melhorar o planejamento urbano e tomar decisões mais embasadas em relação à habitação e ao desenvolvimento da cidade.

O processo de realocação das famílias da São Carlos é um desafio complexo, que envolve diversas questões, incluindo o tamanho e as condições das novas moradias. No entanto, a administração municipal está trabalhando para oferecer soluções que atendam às necessidades das famílias e garantam seu direito à habitação.

No âmbito das discussões sobre o auxílio-moradia e as expectativas das famílias, é evidente que a Prefeitura está comprometida em encontrar um equilíbrio entre as limitações orçamentárias, principalmente em encontros com os munícipes, mas não é o que todos pensam.

Seu José Rodrigues, ou, Seu Zézinho, já citado por aqui, era uma figura marcante na comunidade São Carlos. Sua casa não era apenas uma construção de tijolos e telhas; era um refúgio repleto de memórias e histórias de vida. Na sala, assistindo TV, ficaram marcadas as risadas e conversas de sua família. E, no quintal, testemunhou o crescimento de suas crianças. Zézinho compartilhou sua perspectiva com um olhar nostálgico, lembrando os dias felizes em que sua casa era o epicentro da vida familiar.

"Minha casa era o lugar onde meus filhos cresceram, onde celebramos aniversários e reuniões familiares. É onde construímos nossas vidas"

Seu Zézinho não está sozinho em sua insatisfação pelo auxílio. Ele, como muitos outros moradores, compartilharam suas preocupações em relação ao tamanho das novas moradias oferecidas pela Prefeitura. Para eles, as unidades habitacionais propostas não conseguem preencher o vazio deixado por suas antigas casas.

"Eu entendo que a Prefeitura está fazendo o possível, mas é difícil aceitar que minha família terá que se ajustar a um espaço tão menor. Minha filha tinha um quarto só para ela, e agora todos terão que compartilhar um"

quarto apertado. Como isso é justo?", indagou Maria, esposa de Zézinho ao perceber a tristeza do marido.

A conversa com essas famílias revelou que, para elas, a casa não era apenas um lugar para se abrigar, mas sim um lar que representava segurança, identidade e pertencimento. É um dilema complexo para a Prefeitura, pois, ao tentar equilibrar as demandas orçamentárias com as necessidades emocionais das famílias, surgem desafios significativos.

A Secretária Municipal de Habitação, Ana Carolina, explicou em detalhes as limitações orçamentárias enfrentadas pelo município e a necessidade de priorizar moradias dignas e seguras para o maior número possível de famílias. "Entendemos a importância das casas antigas para as pessoas. No entanto, nossos recursos são limitados, e nosso objetivo principal é garantir que todas as famílias tenham um lugar seguro para viver."

A situação complexa da realocação na São Carlos deixa claro que encontrar um equilíbrio entre as necessidades emocionais das famílias afetadas e as limitações orçamentárias da Prefeitura é um desafio formidável. O dilema se torna ainda mais intenso quando se considera que a cidade está investindo em melhorias no planejamento urbano e tomando decisões embasadas para o desenvolvimento da região.

É uma história de contrastes, onde o amor pelas casas antigas e as expectativas de moradias maiores se chocam com a realidade de recursos limitados e a necessidade de garantir moradias seguras para todos. Enquanto as discussões prosseguem e as famílias continuam a se adaptar às novas circunstâncias, fica evidente que a jornada rumo à resolução desse desafio complexo está longe de seu desfecho.

As moradias em locais propensos a deslizamentos não são o único desafio que os moradores de Franco da Rocha enfrentam. Há décadas, a cidade convive com um problema crônico que aflige aqueles que residem em áreas suscetíveis a alagamentos. Esse é um dilema que permanece incrustado na vida das pessoas, afetando a rotina e a segurança de suas famílias.

Em meio a esse cenário de lutas diárias, uma figura corajosa e determinada, que prefere ser identificada por outro nome, Dona Neide, decidiu compartilhar sua história. Aos 53 anos, ela é uma residente do bairro Nossa Senhora de Aparecida, mais conhecido como Vilinha, um lugar que fica no coração da cidade e é notório tanto por suas comunidades unidas quanto por seu agito noturno, onde os boêmios de plantão frequentam o famoso Bar da Toca do Torresmo, local vítima de alagamentos.

Dona Neide tem sua casa localizada próxima ao Rio Juquery, um local encantador e ao mesmo tempo imprevisível, onde as águas tranquilas podem se tornar um caos em questão de horas. Ela diz que na sua casa há um segundo andar, que serve como refúgio durante os períodos de enchentes.

"Viver no centro da cidade tem suas recompensas, mas também seus desafios", diz Dona Neide, caminhando do trabalho com destino à sua casa. Ela relata como sua família, como muitas outras da Vilinha, enfrenta constantemente a ameaça das enchentes. "Quando a chuva se intensifica, nossas vidas são interrompidas. É um pesadelo que se repete."

No segundo andar, as paredes são despidas de decoração e os móveis elevados demonstram a difícil adaptação que Dona Neide e seus vizinhos tiveram que fazer para lidar com as inundações recorrentes. "Nós aprendemos a conviver com a água. Ter um andar de cima é uma questão de sobrevivência", explica.

Enquanto Dona Neide partilha suas experiências, fica claro que, para os habitantes da Vilinha, as inundações são uma presença constante em suas vidas. Essas enchentes não apenas impactam a segurança de suas casas, mas também afetam a mobilidade, a educação e o trabalho. Para muitos, é uma batalha constante para preservar o que têm e proteger suas famílias.

O que não se pode negar é que, em paralelo às ações de preparação e segurança na Vilinha, a comunidade também se viu beneficiada com a

iniciativa da Defesa Civil de Franco da Rocha, em parceria com a Companhia de Saneamento Básico do Estado de São Paulo (Sabesp) e o governo do estado, que realizaram simulados importantes onde o foco deste era a abertura das comportas da Represa Paiva Castro, uma estrutura crucial para o controle das enchentes na região.

Esse simulado envolveu a participação ativa do prefeito Dr. Nivaldo, da vice-prefeita Lorena Oliveira, secretarias municipais e moradores da Vila Nova Aparecida, que fazem parte do Núcleo de Proteção e Defesa Civil (Nupdec). Além disso, contou com o apoio do Governo do Estado de São Paulo, Instituto de Pesquisas Ambientais (IPA), Corpo de Bombeiros, Polícia Militar, Fundação Florestal e Elektro Distribuidora de Energia Elétrica.

O simulado abordou diversas etapas que seriam necessárias em uma situação real, desde o primeiro alerta de precipitação pluviométrica até a operação de limpeza das vias realizada pela Prefeitura, passando pela retirada de acamados, pessoas com mobilidade reduzida e animais pelo Corpo de Bombeiros, bem como o encaminhamento de desabrigados ao abrigo municipal.

A relevância desses simulados reside na sua capacidade de preparar a população para situações de emergência, especialmente em locais propensos a inundações. O conhecimento prévio das rotas de fuga, dos procedimentos de segurança e da atuação das equipes de resgate pode ser crucial para a preservação de vidas e a minimização de erros em momentos críticos.

Vale ressaltar que esses simulados foram realizados após os trágicos eventos de janeiro de 2022, quando a São Carlos e outras áreas da cidade sofreram com deslizamentos e inundações. O último simulado desse tipo ocorreu em 2018, mas a realização de um novo exercício em 2023 reforça a importância contínua da segurança da população em relação às enchentes e inundações na região, mas que ainda sim continuarão acontecendo, pois, segundo as autoridades, este problema é contínuo.

A cidade de Franco da Rocha enfrenta desafios complexos, que vão desde a realocação de famílias em áreas de risco até a gestão das enchentes nas regiões mais vulneráveis.

Enquanto a Prefeitura trabalha para encontrar soluções, as histórias de moradores como Dona Neide, seu Zézinho e família, junto à Delvina servem como um lembrete vívido de que a vida em uma cidade pode ser um desafio constante, mas também uma demonstração notável de resiliência e solidariedade. O próximo capítulo dessa jornada está sendo escrito a cada enchente, a cada mudança e a cada ação tomada para enfrentar esses desafios.



V. O medo e as atitudes precipitadas

O medo permeia a vida dos moradores de Franco da Rocha, uma cidade que enfrenta desafios constantes devido a deslizamentos de terra, enchentes e a constante ameaça da natureza. Quando o talude na Rua São Carlos desabou, gerando preocupações legítimas sobre a segurança e o futuro da comunidade, se fez necessário escutar um profissional fora da cidade, para entender o que levou a esse incidente e trazer luz às questões técnicas envolvidas. O geólogo Marcelo Fischer Gramani, cuja experiência em mapeamento de áreas de risco e prevenção de deslizamentos é a sua expertise, compartilhou informações valiosas.

De acordo com Gramani, o deslizamento do talude na Rua São Carlos foi resultado de uma combinação de fatores, com base em análises técnicas. A infiltração da água nas camadas do solo foi um dos principais elementos desencadeadores. As fortes chuvas que atingiram a região resultaram em uma precipitação total de 195 milímetros em apenas 72 horas, um volume considerável e capaz de saturar o solo.

Essa saturação do solo tornou a encosta do talude instável, uma vez que a água penetrou nas camadas de solo e contribuiu para a perda de coesão e resistência. Marcelo explicou que a infiltração excessiva de água enfraqueceu as ligações entre as partículas de solo, tornando-o propenso a

deslizamentos. Quando a água atingiu um ponto crítico, a encosta do talude não conseguiu mais sustentar seu próprio peso, culminando no desmoronamento.

Além disso, o geólogo observou que o tipo de solo presente na área da São Carlos também desempenhou um papel crucial no deslizamento. A geologia do local, juntamente com a intensidade das chuvas, criou um ambiente propício para desastres dessa natureza.

O medo que assombra os moradores é justificável, considerando a imprevisibilidade das condições climáticas e os riscos apresentados pelo ambiente geológico. A cidade de Franco da Rocha é marcada por colinas e vales, que a tornam especialmente vulnerável a deslizamentos de terra em situações de chuvas intensas. A segurança dos moradores e a mitigação desses riscos são preocupações constantes para as autoridades e para a comunidade local.

Mas ainda sim, o profissional enfatizou a importância das chamadas "cicatrizes de escorregamento", que são as marcas deixadas após um deslizamento de terra. Essas cicatrizes podem fornecer informações valiosas sobre a história dos deslizamentos em uma área e alertar para possíveis riscos futuros.

Um ponto interessante que Marcelo destacou é que, surpreendentemente, as casas localizadas no topo de um talude nem sempre apresentam riscos tão significativos quanto as que estão localizadas abaixo. Isso se deve à dinâmica dos deslizamentos. Em cerca de 90% dos casos, as casas localizadas abaixo de um talude são as mais afetadas, pois são diretamente atingidas pelo movimento do solo.

No entanto, ele ressaltou que medidas tomadas por moradores, como a construção de muros de contenção, podem ser eficazes em proteger pontualmente uma residência específica. No caso de Seu Zezinho e seu muro de contenção, essa medida pode ser benéfica para sua casa, mas Marcelo enfatizou que ela pode não ser suficiente para proteger a comunidade como um todo, especialmente se a encosta for muito grande.

Isso ocorre porque os muros de contenção têm suas limitações e podem não ser capazes de conter uma encosta de grande porte em caso de deslizamento significativo. A proteção pontual fornecida por esses muros é importante, mas a prevenção de deslizamentos em uma área requer uma abordagem mais ampla e integrada, incluindo o monitoramento de encostas, o manejo adequado das águas pluviais e outras medidas de engenharia civil.

Marcelo Fischer Gramani forneceu uma visão valiosa sobre a complexidade dos deslizamentos de terra e as estratégias para mitigar os riscos. Sua experiência ressalta a necessidade de uma abordagem coordenada e preventiva para proteger as comunidades em áreas de risco, como Franco da Rocha. O medo persistente que assola os moradores da cidade destaca a importância de investir em medidas de segurança e conscientização para enfrentar esses desafios de forma eficaz.



Apresentação de um terreno após o deslizamento do talude ir abaixo (por: Khananda Beatriz)

A trágica situação na Rua São Carlos em Franco da Rocha, que culminou no deslizamento de um talude, aconteceu em meio a uma obra de pavimentação na Vial São Carlos, realizada pela Prefeitura através da Secretaria de Obras. O serviço, que teve início em agosto pela Rua Paschoal Moreira, tinha o objetivo de urbanizar toda a extensão da via São Carlos, buscando melhorar a infraestrutura e a qualidade de vida dos moradores.

Os trabalhos envolviam várias etapas, incluindo a captação de esgoto, a construção de caixas pluviais, terraplanagem para o assentamento de guias, concretagem para o passeio público, pavimentação e a revitalização da área das escadarias e rampas que dão acesso à Rua Tibério. Essas melhorias prometiam não apenas o acesso mais fácil e seguro, mas também uma solução para problemas pré-existentes, como o esgoto a céu aberto, mau cheiro, a proliferação de roedores e insetos, bem como a limitação de espaço na via.

O engenheiro responsável pela obra, em uma entrevista à Prefeitura, ressaltou que após o início dos serviços de saneamento, já houve uma melhora na infraestrutura da via. No entanto, a obra estava em andamento quando ocorreu o deslizamento na Rua São Carlos, enfatizando a complexidade da questão.

Marcelo Fischer Gramani, o geólogo entrevistado anteriormente, trouxe uma perspectiva importante ao destacar que a água desempenhou um papel fundamental nesse incidente. O vazamento de água, como o da obra de pavimentação, pode contribuir para a concentração de água em locais críticos, aumentando os riscos de deslizamentos de terra. Ele enfatizou que, embora a pavimentação e as bocas de lobo possam ajudar a evitar tais acidentes, a situação não pode ser generalizada, uma vez que a topografia e as condições específicas de cada local devem ser levadas em consideração.

Segundo Marcelo, é crucial que os profissionais e as autoridades reconheçam o risco associado às encostas e tomem medidas adequadas

para retirar a água das áreas vulneráveis. Além disso, afirmou a importância de sensibilizar a comunidade sobre esses riscos e sobre as medidas de segurança necessárias.

"Os moradores têm um papel crucial em lidar com a água e minimizar os riscos de deslizamentos. Em situações como essa, não devemos depender inteiramente da Prefeitura. Medidas simples, como a construção de canaletas para direcionar a água de chuva para longe de encostas e a manutenção de sistemas de drenagem podem ser realizadas pela comunidade. Além disso, o monitoramento constante das áreas de risco e a pronta denúncia de vazamentos de água podem contribuir significativamente para a segurança de todos. A conscientização e a ação coletiva são fundamentais para a proteção das comunidades em regiões vulneráveis."

O geólogo enfatiza que os moradores desempenham um papel essencial na prevenção de desastres naturais, e a colaboração ativa da comunidade é fundamental para enfrentar os desafios apresentados por áreas propensas a deslizamentos de terra.

O medo, uma emoção que nos alerta para o perigo iminente, desempenha um papel significativo na vida daqueles que habitam áreas de risco, como as propensas a deslizamentos de terra. Nesta jornada pelo medo, buscamos insights, como os do psicólogo Rogério Herrero, cujo explica sobre a dimensão psicossocial desse desafio, revelando como essa emoção complexa influencia a vida das pessoas em zonas vulneráveis.

Segundo Vallejo, o medo é uma resposta natural e apropriada quando se vive sob a ameaça constante de deslizamentos. A incerteza e a sensação de vulnerabilidade crônica podem gerar ansiedade e estresse persistentes, levando as pessoas a tomar ações impulsivas em busca de segurança imediata.

Em áreas de risco, o medo pode levar a decisões precipitadas, como a mudança repentina para locais presumivelmente mais seguros, a venda de

propriedades sem considerar as implicações financeiras ou até mesmo a recusa em retornar a suas casas após evacuações. Essas ações são frequentemente motivadas por um desejo desesperado de encontrar alguma forma de segurança em meio à incerteza.

O psicólogo esclarece que o medo constante e as respostas precipitadas podem agravar ainda mais o estresse das pessoas, resultando em reações emocionais profundas. A ansiedade, a depressão e o transtorno de estresse pós-traumático são manifestações comuns em indivíduos que vivem sob o peso do medo constante e da incerteza.

Rogério Herrero também destaca que embora o medo seja uma resposta natural à ameaça, a maneira como as pessoas o enfrentam pode variar consideravelmente. Algumas desenvolvem resiliência, aprendendo a lidar com o medo de maneira construtiva, enquanto outras podem se sentir paralisadas por ele. O apoio psicossocial é crucial para ajudar as pessoas a enfrentar o trauma e recuperar o equilíbrio emocional.

É fundamental compreender que os deslizamentos de terra não afetam apenas a infraestrutura física, mas também têm um impacto profundo no bem-estar mental das pessoas. Assim, políticas públicas, programas de apoio e medidas de prevenção devem considerar não apenas a geologia e a engenharia, mas também a resiliência psicológica das comunidades afetadas. A conscientização sobre os desafios psicológicos que as pessoas enfrentam em zonas de risco é essencial para garantir uma abordagem holística na gestão desses desastres naturais. Nesse palco complexo, o medo é uma peça-chave que molda a vida daqueles que vivem à sombra do perigo constante.

À medida que o medo se instala, muitas pessoas podem se sentir acuadas, forçadas a tomar decisões precipitadas e muitas vezes irreversíveis. A mudança de residência, a venda de propriedades e o afastamento de suas casas após evacuações tornam-se medidas extremas de autopreservação. Mas, ao mesmo tempo, essas ações podem ser impulsivas e motivadas pelo desespero, sem considerar completamente as implicações a longo prazo.

No entanto, Rogério Herrero alerta que o medo constante não se limita a afetar apenas as decisões práticas das pessoas. Ele pode corroer o bem-estar mental, levando a distúrbios emocionais como ansiedade, depressão e transtorno de estresse pós-traumático. Essas manifestações emocionais, por vezes invisíveis aos olhos, são igualmente reais e profundamente impactantes.

A resiliência frente ao medo varia de pessoa para pessoa. Algumas desenvolvem estratégias de enfrentamento que lhes permitem navegar por esses tempos turbulentos de maneira construtiva. Outras podem enfrentar dificuldades em lidar com o medo constante e a incerteza.

Neste contexto, o apoio psicossocial desempenha um papel crucial. Compreender e abordar os desafios psicológicos que essas comunidades enfrentam é fundamental para a recuperação e a reconstrução de suas vidas após desastres naturais. A empatia, o aconselhamento e o suporte emocional são essenciais para ajudar as pessoas a lidar com o trauma e a recobrar o equilíbrio.

Após o deslizamento de terra, a Prefeitura de Franco da Rocha tomou medidas importantes para oferecer apoio psicossocial às comunidades afetadas. Psicólogos foram disponibilizados para ajudar os residentes a lidar com o trauma e o estresse emocional decorrentes do desastre. No entanto, a recuperação não se limita apenas a sessões de aconselhamento, mas também envolve a restauração da sensação de normalidade nas vidas das pessoas.

A reconstrução não se resume apenas à restauração de casas e infraestrutura. Ela envolve a recuperação de uma vida que costumava ser familiar. Muitas das pessoas afetadas perderam não apenas suas casas, mas também suas rotinas, vizinhanças e a sensação de pertencimento. A terapia é crucial para ajudar as pessoas a enfrentar o luto não apenas por suas propriedades, mas também pela vida que tinham antes do deslizamento de terra.

Trabalhar com terapeutas pode ajudar as vítimas a enfrentar a dor da

perda, a incerteza do futuro e a construir um novo senso de identidade e segurança. É uma jornada de cura que não acontece da noite para o dia, mas com o apoio adequado e a empatia da comunidade, as pessoas podem aprender a se adaptar às mudanças e a encontrar uma nova normalidade em suas vidas.

É fundamental que as autoridades continuem a oferecer suporte psicológico de longo prazo, à medida que as comunidades afetadas começam a reconstruir suas vidas. Isso não é apenas uma questão de superar o trauma imediato, mas também de apoiar as pessoas enquanto elas se ajustam a uma nova realidade e buscam recuperar o equilíbrio emocional que lhes permitirá encontrar a paz e a esperança em meio à adversidade.

Então como lidar com o fato de existir o risco?

Nos esforços para mitigar os riscos de deslizamentos de terra, é fundamental contar com sistemas avançados de monitoramento geotécnico. Franco da Rocha, como vimos, é uma cidade que enfrenta deslizamentos de terra e inundações e tem reconhecido a importância de investir em tecnologias de monitoramento geotécnico. Na região próxima ao terreno da Avenida Liberdade, onde está localizado o Paço Municipal da cidade, foi instalado um inclinômetro, um dispositivo crucial para a detecção precoce de sinais de instabilidade do solo. Este inclinômetro é parte dos esforços para prevenir deslizamentos de terra e proteger a segurança da comunidade local, mas por enquanto o aparelho se encontra apenas naquele local. Além disso, os moradores e autoridades locais também podem se beneficiar de previsões meteorológicas precisas e modelos de chuvas intensas, que desempenham um papel essencial na redução dos riscos e na prevenção de desastres.

Um planejamento urbano eficaz é vital para evitar o desenvolvimento de áreas propensas a deslizamentos de terra. Através do zoneamento apropriado, áreas de alto risco podem ser identificadas e designadas como inapropriadas para construção. Ao implementar regulamentos rigorosos, governos locais podem prevenir a ocupação inadequada do solo, reduzindo

o impacto de futuros deslizamentos.

Para áreas urbanas já desenvolvidas em terrenos suscetíveis a deslizamentos, é essencial investir em estruturas de contenção e engenharia geotécnica. Muros de arrimo, barreiras e sistemas de drenagem bem projetados podem redistribuir pressões e minimizar a chance de deslizamentos. No entanto, a manutenção adequada dessas estruturas é igualmente importante.

Reforçar e estabilizar o solo é uma estratégia proativa. Técnicas como a injeção de cimento e a colocação de geossintéticos podem fortalecer áreas propensas a deslizamentos, tornando-as menos vulneráveis. Isso não apenas protege comunidades, mas também preserva áreas verdes e ecossistemas sensíveis.

Sistemas de alerta precoce e planos de evacuação bem coordenados são fundamentais para proteger vidas em áreas de risco. Com a tecnologia disponível, é possível comunicar rapidamente ameaças iminentes e orientar as pessoas para locais seguros. O treinamento da comunidade e a sensibilização pública também desempenham um papel crucial nesse processo.

Após um deslizamento de terra, a restauração do ambiente e das áreas afetadas é essencial para reduzir riscos futuros. A revegetação, a recuperação de bacias hidrográficas e a estabilização de encostas são práticas comprovadas que ajudam a prevenir deslizamentos subsequentes.

O risco de deslizamentos de terra é uma ameaça constante, mas não inevitável. Através do uso de tecnologia, planejamento urbano sensato, engenharia geotécnica, alertas eficazes e ações preventivas, podemos proteger vidas e comunidades vulneráveis. A conscientização e o investimento contínuo nessas estratégias são essenciais para enfrentar esse desafio global e mitigar os riscos de deslizamentos de terra de forma eficaz.

VI. Esperança e incerteza

A Prefeitura de Franco da Rocha apresentou o "Projeto e Mutirão para Mitigação de Risco em Área Atingida por Escorregamento: ATHIS no Núcleo São Carlos" em uma emocionante reunião na Emeb Maria Aguilar Hernandez, no Jardim dos Reis. Esta iniciativa, realizada em colaboração com o Instituto Soma, o Conselho de Arquitetura e Urbanismo (CAU/BR) e a Ecounion, é uma demonstração de esforços conjuntos para enfrentar as consequências de uma tragédia que marcou a história da cidade.

Em um esforço coletivo, os moradores locais se uniram às autoridades para lançar um projeto que visa reconstruir e recuperar a área atingida pelo deslizamento de terra em 2022. O foco deste projeto está na construção de um novo muro de contenção na parte inferior da Rua São Carlos, no bairro Parque Paulista. Esta ação é um passo crucial para mitigar os riscos em uma área que sofreu profundamente com a tragédia.

O "Projeto e Mutirão para Mitigação de Risco" não se limita apenas à reconstrução física, mas também engloba assistência técnica em habitação e mobilização social, visando melhorias urbanas e habitacionais na região. A parceria entre a Prefeitura, o Instituto Soma, o CAU/BR e a Ecounion demonstra o compromisso com a recuperação e o bem-estar da comunidade afetada.

Além disso, a notícia traz uma promissora revelação para a região afetada pelo deslizamento de terra. Um novo espaço público está sendo planejado, com a intenção de unir e beneficiar diversos núcleos públicos da cidade.

O projeto inclui a construção de um campo de lazer, uma pista de skate e um campo de futebol. Essas instalações foram projetadas com o bem-estar dos moradores em mente e têm o potencial de se tornar pontos de encontro e diversão para a comunidade.

O futuro da cidade de Franco da Rocha é tão incerto quanto o destino de uma gota d'água em meio à tempestade, metaforicamente ou literalmente falando. Os deslizamentos de terra, as inundações e a constante ameaça de desastres naturais lançam uma sombra de incerteza sobre esta comunidade resiliente. Desde a primeira enchente, em 1987, que mergulhou a cidade em desespero, os moradores carregam consigo uma bagagem de esperança e determinação.

A cidade de Franco da Rocha, com sua história de desafios e superações, enfrenta um futuro incerto, mas não desprovido de esperança. As cicatrizes dos deslizamentos de terra e inundações permanecem, mas também permanece a resiliência das comunidades afetadas. O apoio psicossocial e a busca por soluções sustentáveis tornam-se pilares fundamentais para o enfrentamento dos desastres naturais.

Assim como os passageiros do trem da Linha 7-Rubi, que partem da estação Jundiaí em direção à cidade de Rio Grande da Serra, o destino do trem é sempre o mesmo. No entanto, durante essa jornada, as paisagens se transformam, e os passageiros precisam estar preparados para ver as mudanças no ambiente ao seu redor, mesmo quando essas mudanças são difíceis de encarar. O deslizamento de terra que ocorreu na Rua São Carlos e tirou a vida de 18 pessoas, que não esperavam tal destino, poderia talvez ter sido evitado se alguém tivesse tido a coragem de mudar os trilhos de direção.

Nessa jornada, a resistência da cidade é como o trilho que guia o trem, mantendo-o no curso certo, apesar das mudanças nas paisagens. O apoio e a busca por soluções sustentáveis são como as ferramentas que ajudam a manter os trilhos firmes e seguros.

À medida que as autoridades e as comunidades trabalham juntas, a esperança de um amanhã mais seguro continua a iluminar o horizonte da cidade, assim como a luz do farol de um trem na escuridão. Franco da Rocha aprendeu a conviver com o medo, mas também aprendeu a resistir. E é na força dessa resistência que encontram a motivação para construir um futuro mais estável, onde a incerteza não será mais a protagonista, mas sim a determinação de uma comunidade que se recusa a se render diante das adversidades, pronta para trilhar novos caminhos, mudando os trilhos de direção quando necessário, e enfrentando as mudanças na paisagem com coragem e resiliência. O futuro da cidade de Franco da Rocha é tão incerto quanto o destino de uma gota d'água em meio à tempestade, metaforicamente ou literalmente falando. Os deslizamentos de terra, as inundações e a constante ameaça de desastres naturais lançam uma sombra de incerteza sobre esta comunidade resiliente. Desde a primeira enchente, em 1987, que mergulhou a cidade em desespero, os moradores carregam consigo uma bagagem de esperança e determinação.

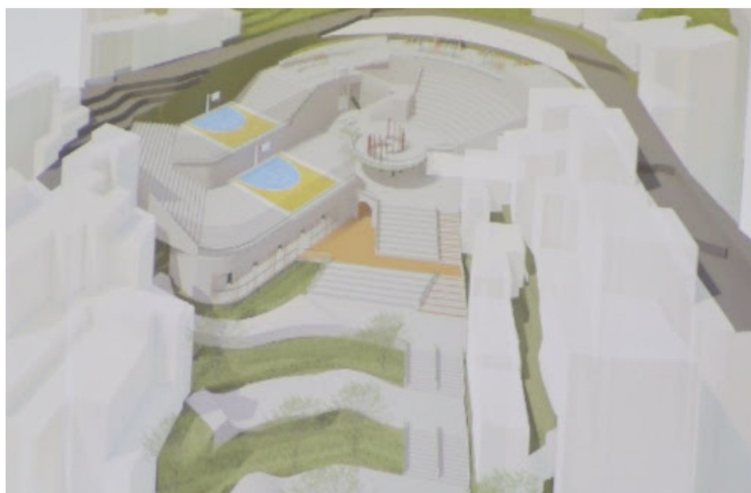
A cidade de Franco da Rocha, com sua história de desafios e superações, enfrenta um futuro incerto, mas não desprovido de esperança. As cicatrizes dos deslizamentos de terra e inundações permanecem, mas também permanece a resiliência das comunidades afetadas. O apoio psicossocial e a busca por soluções sustentáveis tornam-se pilares fundamentais para o enfrentamento dos desastres naturais.

Assim como os passageiros do trem da Linha 7-Rubi, que partem da estação Jundiaí em direção à cidade de Rio Grande da Serra, o destino do trem é sempre o mesmo. No entanto, durante essa jornada, as paisagens se transformam, e os passageiros precisam estar preparados para ver as mudanças no ambiente ao seu redor, mesmo quando essas mudanças são difíceis de encarar. O deslizamento de terra que ocorreu na Rua São Carlos e tirou a vida de 18 pessoas, que não esperavam tal destino, poderia talvez ter sido evitado se alguém tivesse tido a coragem de mudar os trilhos de direção.

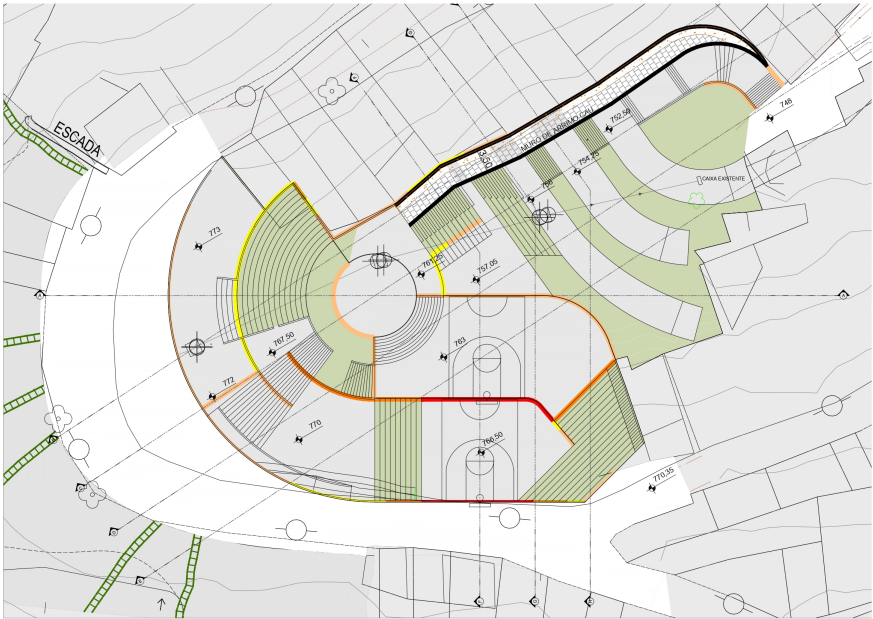
Nessa jornada, a resistência da cidade é como o trilho que guia o trem, mantendo-o no curso certo, apesar das mudanças nas paisagens. O apoio e

a busca por soluções sustentáveis são como as ferramentas que ajudam a manter os trilhos firmes e seguros.

À medida que as autoridades e as comunidades trabalham juntas, a esperança de um amanhã mais seguro continua a iluminar o horizonte da cidade, assim como a luz do farol de um trem na escuridão. Franco da Rocha aprendeu a conviver com o medo, mas também aprendeu a resistir. E é na força dessa resistência que encontram a motivação para construir um futuro mais estável, onde a incerteza não será mais a protagonista, mas sim a determinação de uma comunidade que se recusa a se render diante das adversidades, pronta para trilhar novos caminhos, mudando os trilhos de direção quando necessário, e enfrentando as mudanças na paisagem com coragem e resiliência.



Projeto São Carlos - Secretaria de Licenciamento e Planejamento Urbano



Projeto São Carlos - Secretaria de Licenciamento e Planejamento Urbano

Agradecimentos

Inicio meus agradecimentos reconhecendo a importância de cada indivíduo que contribuiu para tornar este momento possível. Reconheço que esta conquista é o resultado de uma jornada que foi moldada e enriquecida por muitas pessoas generosas.

Primeiramente, quero expressar minha eterna gratidão aos meus queridos pais, Rosiane Rosa Corrêa de Lima e Tito Mariano, que foram verdadeiros pilares em minha vida. Seu apoio, amor incondicional e sacrifícios são a base sólida sobre a qual construí meu caminho.

Àqueles que moldaram minha jornada educacional desde os primeiros passos, meus professores do ensino fundamental e médio, dedico um agradecimento especial. Cada um desempenhou um papel importante no meu crescimento intelectual e pessoal, e suas lições continuam a guiar meu caminho.

Aos professores da faculdade, quero expressar minha sincera gratidão. Em particular, ao meu orientador específico, professor Felipe dos Santos Schadt, e à Professora de Orientação Metodológica, Ane Katerine Medina Néri, que são pessoas importantes na área da sabedoria e orientação durante minha jornada acadêmica. Suas contribuições moldaram meu trabalho e meu pensamento.

A todos os outros professores, mentores e colegas de estudo que cruzaram meu caminho, quero estender meu agradecimento. Cada conversa, cada desafio e cada lição compartilhada contribuíram para minha formação.

Por último, quero agradecer aos moradores de Franco da Rocha e profissionais que dedicaram uma parte de seu tempo para as entrevistas.



Delvina em homenagem às pessoas que se foram no acidente (foto: Delvina Bonfim)



Casa e carro de Seu Zézinho ilhados pela lama/ casa Seu Zézinho pós acidente (foto: Karina Macedo, filha de Seu Zézinho)



Primeiros atendimentos à São Carlos

(foto: Khananda Beatriz e Prefeitura Municipal de Franco da Rocha)



Viela São Carlos quatro meses antes do acidente (Foto: Prefeitura Municipal de Franco da Rocha)

Referências

ARTIGOS ACADÊMICOS:

DOS SANTOS REIS, A. Memórias e histórias da Cidade (1980 -2010). Tese de Mestrado—Pontífca Universidade de São Paulo (PUC): [s.n.].

História de Franco da Rocha – Franco da Rocha .net.br | Guia Online da Cidade. Disponível em: <https://francodarocha.net.br/historia-de-franco-da-rocha/>. Acesso em: 5 mai.2023.

PLANO MUNICIPAL DE REDUÇÃO DE RISCOS (PMRR) NO MUNICÍPIO DE FRANCO DA ROCHA, SP. Disponível em: https://www.francodarocha.sp.gov.br/arquivos/texto/anexo_615774ce21d66.pdf. Acesso em: 12 mai. 2023.

ROSA, I. Vazios Urbanos Como vazios de preservação: Franco da Rocha nas terras de Juquery. TESE—UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO USP: [s.n.].

ARTIGOS DE JORNAL:

CONTEÚDO, E. Grande São Paulo tem 132 mil imóveis em áreas de risco alto e muito alto. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/geral/noticia/2022/02/grande-sao-paulo-tem-132-mil-imoveis-em-areas-de-risco-alto-e-muito-alto-ckz4k272s000i01fbvvtf49ao.html>. Acesso em: 14 mai. 2023.

G1 Notícias Bombeiros resgatam último corpo após deslizamento em Franco da Rocha, e número de mortos pela chuva chega a 18. g1, São Paulo, 4 fev. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2022/02/04/bombeiros-resgatam-ultimo-corpo-apos-deslizamento-em-franco-da-rocha-e-numero-de-mortos-pela-chuva-chega-a-18.ghtml>. Acesso em: 14 mai. 2023.

MANSO, B. P.; SALDAÑA, P. Sabesp abre comporta e isola Franco da Rocha. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/sao-paulo/sabesp-abre-comporta-e-isola-franco-da-rocha-imp/>. Acesso em: 12 de mai. 2023.

O ESTADO DE SÃO PAULO. Chuva causa 18 mortes e vítimas neste verão chegam a 57, maior nº desde 2010. Metrópole, 12 mar. 2016. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/sao-paulo/sabesp-abre-comporta-e-isola-franco-da-rocha-imp/Chuva%20causa%2018%20mortes%20e%20v%C3%ADtimas%20neste%20ver%C3%A3o%20chegam%20a%2057,%20maior%20n%C2%BA%20desde%202010%20-%20O%20Estado%20de%20S%C3%A3o%20Paulo%20Metr%C3%B3pole%20%2012/03/2016/>. Acesso em: 14 mai. 2023. Por: Adriana Ferraz; et al.

O ESTADO DE SÃO PAULO. Franco da Rocha: lama e desespero. 20 jan. 1987. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1IfjlcuTJjf76fvnUebC9sFHOzMhks4ZI/view?usp=sharing>. Acesso em: 14 mai. 2023.

UM MÊS, G1, São Paulo, Um mês após tragédia de Franco da Rocha, moradores ainda temem deslizamentos na região. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2022/02/28/um-mes-apos-tragedia-de-franco-da-rocha-moradores-ainda-temem-deslizamentos-na-regiao.ghtml>. Acesso em: 28 fev. 2022.

ENTREVISTAS:

LIMA, Delvina Bonfim: depoimento em 02 de setembro de 2023. Entrevistadora: Khananda Beatriz de Lima Mariano. São Paulo. Entrevista presencial, 2023. Entrevista concedida ao Projeto

Experimental de Jornalismo/2023.

MARTINS, Eduardo de Souza: depoimento em 05 de setembro de 2023. Entrevistadora: Khananda Beatriz de Lima Mariano. São Paulo. Entrevista presencial, 2023. Entrevista concedida ao Projeto Experimental de Jornalismo/2023.

NUNES, Ana Carolina Alencar: depoimento em 05 de setembro de 2023. Entrevistadora: Khananda Beatriz de Lima Mariano. São Paulo. Entrevista presencial, 2023. Entrevista concedida ao Projeto Experimental de Jornalismo/2023.

QUEIROZ, Francisco Antônio de: depoimento em 29 de agosto de 2023. Entrevistadora: Khananda Beatriz de Lima Mariano. São Paulo. Entrevista presencial, 2023. Entrevista concedida ao Projeto Experimental de Jornalismo/2023.

RODRIGUES, Eduardo Macedo: depoimento em 26 de agosto de 2023. Entrevistadora: Khananda Beatriz de Lima Mariano. São Paulo. Entrevista presencial, 2023. Entrevista concedida ao Projeto Experimental de Jornalismo/2023.

RODRIGUES, José: depoimento em 26 de agosto de 2023. Entrevistadora: Khananda Beatriz de Lima Mariano. São Paulo. Entrevista presencial, 2023. Entrevista concedida ao Projeto Experimental de Jornalismo/2023.

RODRIGUES, Maria Helena Fernandes de Macedo: depoimento em 26 de agosto de 2023. Entrevistadora: Khananda Beatriz de Lima

Mariano. São Paulo. Entrevista presencial, 2023. Entrevista concedida ao Projeto Experimental de Jornalismo/2023.

SILVA, Eliane de Oliveira: depoimento em 05 de setembro de 2023. Entrevistadora: Khananda Beatriz de Lima Mariano. São Paulo. Entrevista presencial, 2023. Entrevista concedida ao Projeto Experimental de Jornalismo/2023.

ZDUNIAK, Samantha: depoimento em 29 de agosto de 2023. Entrevistadora: Khananda Beatriz de Lima Mariano. São Paulo. Entrevista presencial, 2023. Entrevista concedida ao Projeto Experimental de Jornalismo/2023.

LIVROS:

ARBEX, Daniela. Holocausto Brasileiro: Vida, Genocídio e 60 Mil Mortes no Maior Hospício do Brasil. São Paulo: Geração Editorial, 2013.

BARCELLOS, Caco. Rota 66: A história da polícia que mata. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

LAGE, Nilson. A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística. 5. ed. Rio de Janeiro: Record, 2005, 86 p.

LIMA, Edvaldo Pereira. Páginas Ampliadas. 3. ed. São Paulo: Editora Manole, 2004.

PENA, Felipe. O Jornalismo Literário como Gênero e Conceito. 2ª edição. Editora Contexto, 2006.

VARELLA, Drauzio. Estação Carandiru. 2ª edição, 7ª reimpressão. Editora Schwarc Ltda., 1999.

PUBLICAÇÕES:

IBGE. (2021). Franco da Rocha: Histórico. Recuperado em 12 de maio de 2023, de <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/franco-da-rocha/historico>.

ROSA, Iná. Perfil de Iná Rosa no LinkedIn. Disponível em: <https://www.linkedin.com/in/in%C3%A1-rosa-43463a65/?originalSubdomain=br>. Acesso em: 26 mai. 2023

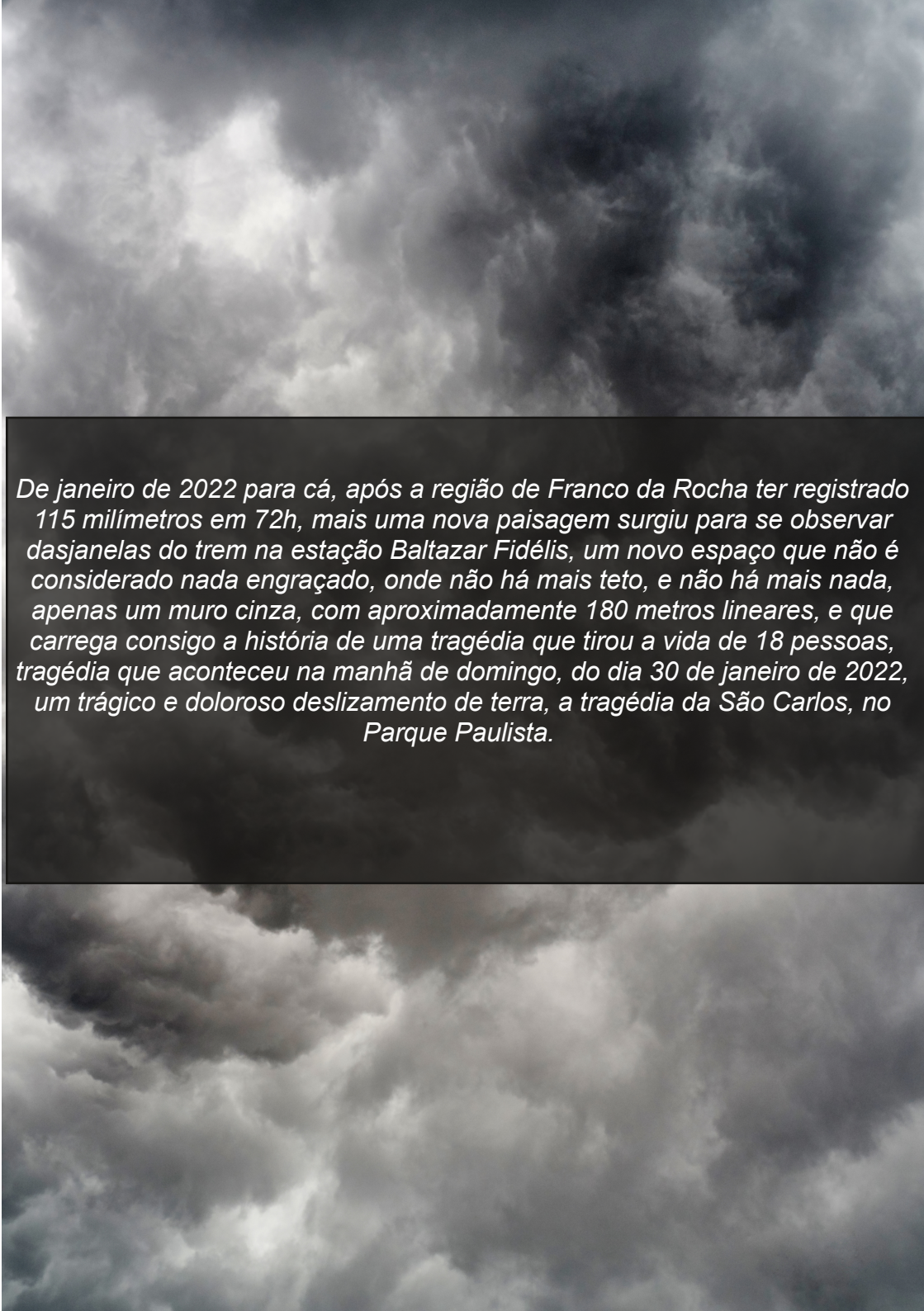
REPORTÁGENS:

FEREZIM, Renato; CAMILO, Orlando. Tragédia Brumadinho / Reportagem Completa do Fantástico/2019. São Paulo: TV Globo, 2019.

PUBLICAÇÕES

IBGE. (2021). Franco da Rocha: Histórico. Recuperado em 12 de maio de 2023, de <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/franco-da-rocha/historico>.

ROSA, Iná. Perfil de Iná Rosa no LinkedIn. Disponível em: <https://www.linkedin.com/in/in%C3%A1-rosa-43463a65/?originalSubdomain=br>. Acesso em: 26 mai. 2023



De janeiro de 2022 para cá, após a região de Franco da Rocha ter registrado 115 milímetros em 72h, mais uma nova paisagem surgiu para se observar das janelas do trem na estação Baltazar Fidélis, um novo espaço que não é considerado nada engraçado, onde não há mais teto, e não há mais nada, apenas um muro cinza, com aproximadamente 180 metros lineares, e que carrega consigo a história de uma tragédia que tirou a vida de 18 pessoas, tragédia que aconteceu na manhã de domingo, do dia 30 de janeiro de 2022, um trágico e doloroso deslizamento de terra, a tragédia da São Carlos, no Parque Paulista.